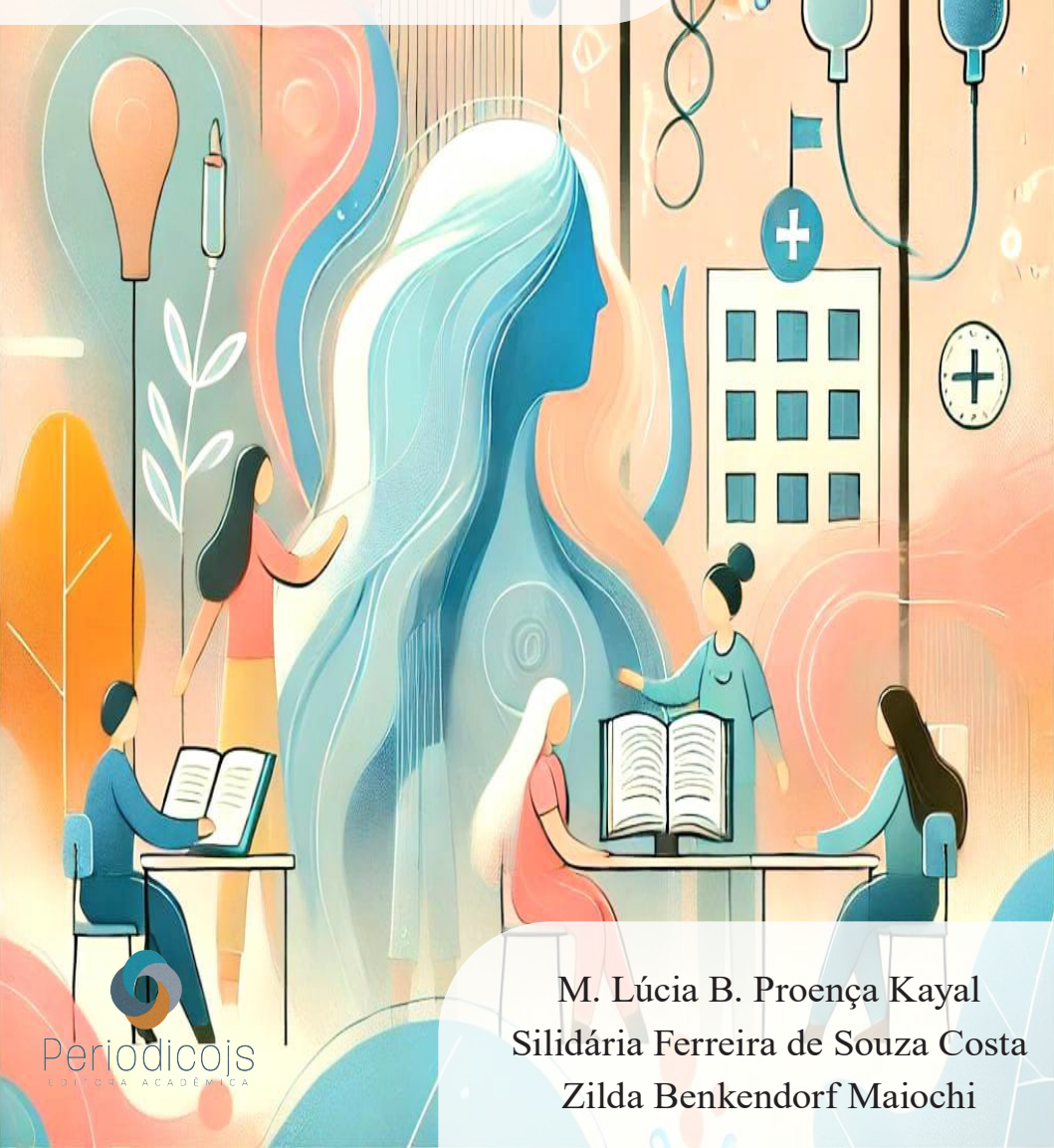


Encontro de Olhares



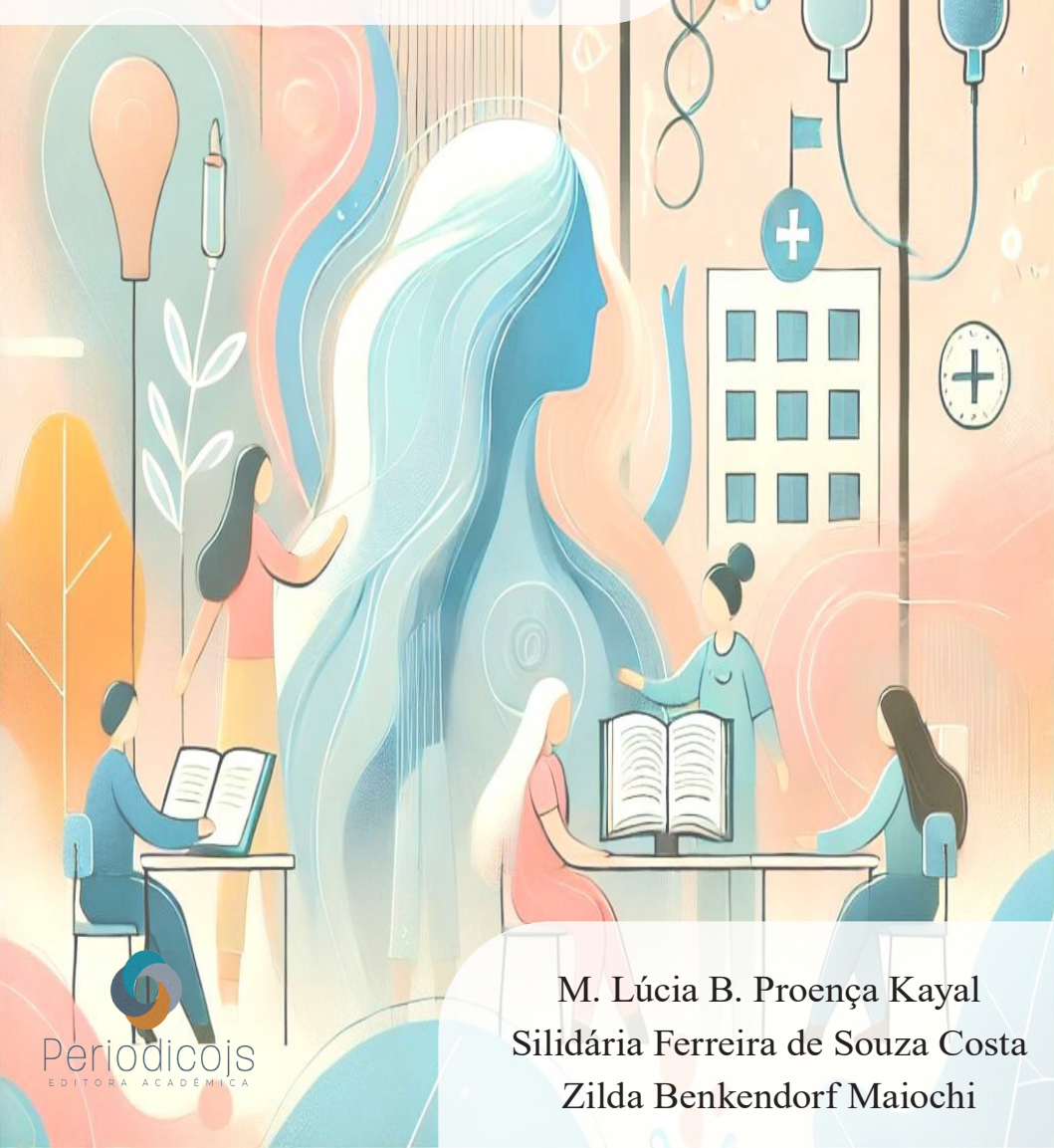
Relatos de Vivências
Pedagógicas no Atendimento
Escolar Hospitalar



Encontro de Olhares



Relatos de Vivências
Pedagógicas no Atendimento
Escolar Hospitalar



Conselho Editorial

Abas Rezaey

Izabel Ferreira de Miranda

Ana Maria Brandão

Leides Barroso Azevedo Moura

Fernado Ribeiro Bessa

Luiz Fernando Bessa

Filipe Lins dos Santos

Manuel Carlos Silva

Flor de María Sánchez Aguirre

Renísia Cristina Garcia Filice

Isabel Menacho Vargas

Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração, capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E56 Encontro de Olhares: Relatos de Vivências Pedagógicas no Atendimento Escolar Hospitalar. / M. Lúcia B. Proença Kayal, Silidária Ferreira de Souza Costa, Zilda Benkendorf Maiochi – João Pessoa: Periodicojs editora, 2024.

E-book: il. color.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-6010-132-6

1. Vivencias pedagógicas. 2. Escola hospitalar. I. Kayal, M. Lúcia B. Proença. II. Costa, Silidária Ferreira de Souza. III. Maiochi, Zilda Benkendorf. III. Título

CDD 370

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação: 370



Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil

website: www.periodicojs.com.br

instagram: @periodicojs

Prefácio



Ao receber o honroso convite para prefaciá-la esta obra, ganhei de presente a leitura de um registro que me trouxe, para além de me emocionar com tantas lindas histórias, a certeza de que a professora, ou o professor, que atua em um espaço hospitalar, tem a clareza, em uma perspectiva freireana¹, do seu inacabamento enquanto profissional, pois se desafia todos os dias ao se fazer docente.

São relatos sensíveis de três profissionais da educação, que atuaram em ambiente hospitalar e que, com uma escuta atenta, possibilitaram compartilhar experiências marcantes na trajetória de quem fez a escolha em colaborar para a que a garantia do direito à educação do estudante em tratamento de saúde fosse respeitada.

Esse direito é garantido constitucionalmente a todos aqueles que se encontram em idade escolar obrigatória

¹ FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

para frequentarem a Educação Básica. No entanto, a garantia legal pressupõe um movimento desencadeador de ações e políticas educacionais que possibilitem que o acesso à escola seja de fato efetivado. Nesse contexto, o processo de escolarização em ambiente hospitalar e domiciliar vem se fortalecendo por meio de programas e serviços ofertados pelas secretarias estaduais e municipais de educação do Brasil, o que incita aos profissionais que atuam nesse contexto diferenciado uma formação para além dos saberes profissionais² adquiridos na graduação.

Assim, nesse processo formativo se reflete como os saberes experienciais se constituem na identidade dos sujeitos que trabalham nesse campo e, aqui especialmente, das vivências no Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar – SAREH do Paraná.

Ainda nesse processo formativo, fomentar espaços de discussão acerca da temática é de fundamental importância e se traduz no esforço das autoras em demonstrarem que a prática docente se faz e se refaz no ambiente hospitalar, de maneira a respeitar as especificidades de cada estudante.

2 Sobre saberes profissionais e experienciais ver TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002



Nesse sentido, essa publicação retratou uma iniciativa de promover um espaço de diálogo que contribui para prática cotidiana de cada hospital, trazendo relatos que conduzem o leitor a repensar e ampliar olhares acerca do papel da pedagoga e do pedagogo, e da professora e do professor ou em um contexto não- escolar, mas que tem como foco o direito à educação, vinculando-se, portanto, à educação formal, pois há equivalência de frequência e aproveitamento escolar durante o período do afastamento da escola regular.

As autoras se debruçaram no registro dos desafios diários para atuarem no atendimento escolar hospitalar, apresentando uma reflexão acerca das demandas relacionadas à função exercida e às considerações sobre a tarefa docente nessa área.

A abordagem nas situações vivenciadas e o papel social de cada profissional leva ao entendimento do comprometimento e do reconhecimento da necessária importância de pedagogas, pedagogos, professoras e professores que atuam no ambiente hospitalar

Portanto, essa obra nos faz refletir que o profissional para além de possuir competência técnica, deve

estar imbuído da “competência humana” para questionar, se relacionar e contribuir de forma ética e comprometida com a escolarização. Dessa forma, instiga os estudantes a realizarem uma verdadeira práxis educativa, incentivando um processo de construção do conhecimento que parte e respeita suas particularidades.

Para finalizar, me apoio novamente na perspectiva freireana, para dizer que as memórias aqui trazidas carregam a amorosidade e a boniteza das vozes das profissionais que vivenciaram o inacabamento de ser docente, como mencionei no início desse prefácio. Apenas complementaria que a inquietação e o entendimento sobre esse inacabamento nos torna, nesse encontro de olhares, docentes melhores a cada dia.

Boa e incentivadora leitura!

Cinthya Vernizi Adachi de Menezes

Curitiba, outono de 2024.



Sumário



INTRODUÇÃO

10

Capítulo 1

CONTEXTOS DE ATUAÇÃO

13

Capítulo 2

CONSIDERAÇÕES INICIAIS:
PROFESSORA MARIA LÚCIA

23

Capítulo 3

RELATOS:
PROFESSORA SILIDÁRIA

86



Capítulo 4

RELATOS:

PROFESSORA PEDAGOGOGA ZILDA

136

Apêndice

162

Currículos

169



Introdução

Esta obra relata experiências das professoras M. Lúcia B. Proença Kayal, Silidária Ferreira de Souza e Zilda Benkendorf Maiochi na educação de alunos em situação de tratamento de saúde em diferentes espaços hospitalares (HC - Hospital de Clínicas PR, HE – Hospital Evangélico, CHR - Centro Hospitalar de Reabilitação) e Casa de Passagem - APACN (Apoio à Criança com Câncer).

O espaço hospitalar é originalmente destinado a pessoas em tratamento de saúde. A educação, neste contexto, confere um olhar humanizado à rigorosa rotina imposta a crianças e adolescentes em idade escolar, o que implica período prolongado de afastamento na escola de origem resultando muitas vezes em evasão e reprovação.

A Educação inclusiva apresenta-se numa concepção cujos pressupostos são os direitos humanos e as diversidades, sob forma de garantir o processo de ensino a todos os sujeitos, acolhendo estudantes para possibilitar a continuidade dos estudos. Assim inovadoras



posturas educacionais são adotadas para que se efetive o comprometimento com o saber. Isto significa muito mais que a inserção e reinserção à escola, mas na sociedade em que vivem.

Nos relatos das professoras, cabe considerar e evidenciar essa prática em singular atuação pedagógica, que se deram em respeito aos espaços, estruturas e situações particulares de cada ambiente em que se realizou esse trabalho. Elucida as relações interpessoais que se estabeleceram neste contexto de classe hospitalar e TMOS, ressaltando o dia-a-dia de uma realidade da educação além dos ambientes formais das escolas regulares.

Com o objetivo de preservar a identidade real dos alunos-pacientes e garantir sua privacidade e confidencialidade foram empregados nomes fictícios; evitando-se a exposição desnecessária dos sujeitos e cumprindo-se com as diretrizes éticas e legais que regem a nossa prática profissional.

Pode-se observar também que em alguns momentos, mantivemos o falar próprio, portanto, linguagem



coloquial da criança/adolescente, o que confere leveza e fidelidade aos fatos narrados.



Capítulo

1

CONTEXTOS DE ATUAÇÃO

A Casa de Passagem - APACN (Apoio à Criança com Câncer - Curitiba/PR) acolhe em suas dependências não só crianças e adolescentes com patologias graves, como também seus familiares; com todo amor, respeito e infraestrutura que merecem. A OSC possui quartos coletivos e individuais (TMOS), sendo estes destinados para transplantados de medula óssea em recuperação. Além de classe para atendimentos educacionais, brinquedoteca, sala de TV, refeitório, centro de atividades e equipe multidisciplinar formada por assistente social, psicóloga e nutricionista. E outras dependências sempre muito acolhedoras e bem administradas.

Sendo Unidade Conveniada ao SAREH, tem sobretudo equipe de professores nas diversas áreas do conhecimento e uma professora pedagoga que promovem a continuidade da vida escolar dos alunos com necessidades educacionais diferenciadas.



HOSPITAL DE CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

O SAREH, Serviço de Atendimento à Rede de Educação Hospitalar, é um programa implementado no Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, com o objetivo de oferecer atendimento escolar a alunos/ alunas-pacientes de todas as faixas etárias, abrangendo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e, que estão internados ou em tratamento nesta unidade de saúde.

Para efetivar o trabalho, há uma parceria com as equipes médicas e multidisciplinares promovendo o atendimento escolar integrado aos cuidados de saúde dos pacientes. E, executado por professores especializados, que elaboram planos de ensino individualizados, de acordo com o currículo escolar, respeitando as demandas e as limitações de cada paciente, com atividades educativas desenvolvidas no ambiente hospitalar, utilizando recursos didáticos adequados, adaptados à condição de saúde do/a aluno/aluna-paciente, como material pedagógico específico



para pacientes acamados, com mobilidade reduzida ou outras necessidades especiais.

Além de garantir o acesso à educação, o SAREH também busca minimizar o impacto emocional e social da hospitalização na vida dos sujeitos; pois através do atendimento escolar, os pacientes têm a oportunidade de manter a rotina de estudos, interagir com outros estudantes, receber apoio emocional e realizar atividades que estimulem a criatividade, a imaginação e o aprendizado.

Neste aspecto, o SAREH e o HC são um exemplo de compromisso com a formação integral do cidadão, garantindo que a educação seja uma prioridade mesmo em situação de saúde delicada.



HOSPITAL DE REABILITAÇÃO ANA CAROLINA MOURA XAVIER

O Hospital de Reabilitação Ana Carolina Moura Xavier é uma instituição dedicada a fornecer tratamento e suporte a pacientes com diferentes tipos de deficiências e necessidades de reabilitação. Seu público-alvo abrange pessoas de todas as idades que sofrem de lesões neurológicas, ortopédicas, amputações, e outras condições que exigem reabilitação física.

As atividades realizadas no hospital variam de acordo com a necessidade individual do paciente, mas geralmente incluem sessões de fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, acompanhamento médico, aconselhamento psicológico e outras intervenções terapêuticas relevantes. O foco é sempre na recuperação funcional e na capacitação do paciente para que ele possa retomar suas atividades diárias de forma independente e com confiança.

Para que este empreendimento se tornasse mais



amplo ainda, ocorreu a parceria entre o Hospital Ana Carolina Moura Xavier, em Curitiba, Paraná, e o Serviço de Escolarização Hospitalar (SAREH) que é um exemplo de sucesso na área de educação e saúde. Trata-se de um acordo para garantir que crianças e adolescentes internados ou em processos de terapia no hospital tenham oportunidade de realizar seus estudos de forma contínua e adaptada às suas condições de saúde.

O SAREH oferece um ambiente educacional dentro do hospital, onde professores capacitados ministram aulas e atividades pedagógicas personalizadas. Essa abordagem assegura que o processo educacional não seja interrompido devido à hospitalização, promovendo o desenvolvimento acadêmico e emocional dos/das alunos/alunas-pacientes.

Essa iniciativa tem sido fundamental para a humanização do ambiente hospitalar, proporcionando um suporte essencial tanto para os pacientes quanto para suas famílias. A continuidade do aprendizado durante o tratamento médico não apenas mantém o progresso escolar dos estudantes, mas também contribui para sua recuperação,



oferecendo uma rotina e um senso de normalidade em um período desafiador.

A colaboração entre o Hospital Ana Carolina Moura Xavier e o SAREH destaca a importância da integração entre saúde e educação, mostrando como parcerias interdisciplinares podem criar um impacto positivo e duradouro na vida de crianças e adolescentes em tratamento hospitalar.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO EVANGÉLICO MACKENZIE

O Hospital Universitário Evangélico Mackenzie é uma instituição de saúde cujo principal objetivo é oferecer atendimento médico e hospitalar de alta qualidade, pautado na excelência técnica e no cuidado humanizado sendo referência no tratamento a queimados; atende a um amplo espectro de público, incluindo pacientes particulares, convênios médicos e pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS). Com uma abordagem inclusiva. O trabalho oferecido



ao paciente é caracterizado por uma equipe multidisciplinar altamente capacitada, formada por médicos especialistas, enfermeiros, técnicos de enfermagem e outros profissionais da saúde. Além disso, o hospital está equipado com tecnologia de ponta, garantindo diagnósticos precisos e tratamentos eficientes.

No intuito de complementar o trabalho oferecido, a unidade hospitalar tem uma importante parceria com o SAREH (Serviço de Escolarização Hospitalar). Essa colaboração visa a oferecer continuidade educacional para crianças e adolescentes internados. Por meio do SAREH, os alunos-pacientes recebem aulas e atividades pedagógicas adaptadas às suas necessidades de saúde, garantindo que a hospitalização não interrompa seu processo de aprendizado. Essa iniciativa promove a inclusão e o desenvolvimento integral do sujeito, além de proporcionar um ambiente hospitalar mais humanizado e acolhedor.



Agradecimentos

Prof.^a Maria Lúcia B. Proença Kayal

Dedico essa obra escrita especialmente à minha amada mãe e mestra Dirce Baroncini Proença cujo amor e dedicação à vida educacional sempre inspirou minha carreira como professora das áreas de Ensino Regular, Especial e Hospitalar. Amor e exemplo este que divinamente direcionou e iluminou minha vida. Aos meus familiares e colegas de profissão que incansavelmente me apoiaram com sabedoria e amor ao longo de todo o tempo em que atuei profissionalmente. Às pedagogas: Cinthya Vernizi Adachi de Menezes, responsável pela concepção e implementação do Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar- Sareh da rede de educação básica do Paraná, grande orientadora, mestra e doutora na área de Atendimento Escolar Hospitalar a quem presto meus mais admiráveis louvores. Vera Lúcia Andretta, incansável lutadora pelo acolhimento educacional aos alunos-pacientes atendidos na APACN. Adênis Jager Maximowicz, que



estive conosco por anos à frente da Educação em ambiente escolar hospitalar, determinando com excepcional senso de justiça, humanidade e competência nossas ações pedagógicas. Luciane Souza, grande lutadora e atuante pelos direitos aos alunos com necessidades educacionais diferenciadas. Sobretudo aos meus queridos alunos-pacientes que me agraciaram com fervorosos exemplos de vida, força e resiliência. E também às suas dedicadas mães, com quem convivi e presenciei momentos inesquecíveis de força, fé e amor sem limites. À APACN e SAREH/SEED que fizeram possível nosso trabalho em espaço diferenciado de educação tornando realidade a inserção e reinserção dos sujeitos à vida escolar e social.

Gratidão a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desse convívio de aprendizado!



Capítulo

2

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS:
PROFESSORA MARIA LÚCIA**

A prática pedagógica educacional aos alunos-pacientes em tratamento de saúde em contexto diferenciado.

Em nossa Casa de Passagem- APACN em Curitiba, convivíamos com pacientes e seus familiares oriundos de todos os Estados do Brasil. Sendo Curitiba referência para os tratamentos neoplásicos, essas famílias vêm à procura de atendimento para seus filhos diagnosticados com cânceres e outras patologias graves. Na maioria das vezes, chegam inseguros e com os medos do enfrentamento que a doença diagnosticada causa.

A casa os acolhe com carinho e respeito em face das novas expectativas por eles imposta. Além da acolhida e apoio multidisciplinar e multiprofissional, a APACN também tem convênio educacional, que iniciou com parceria técnica firmada entre a Casa de Apoio e a SEED e após com o SAREH (Serviço de Atendimento à Rede de Educação Hospitalar) / SEED, onde atuei desde 2004 até 2018. Essas vivências marcaram minha vida educacional como nunca antes poderia imaginar. Aprendi lições de vida, coragem e resiliência em minha prática docente que



me engrandeceram profissional e humanamente. A vida ganhou outro significado e os “Encontros de Olhares” que metaforicamente batizamos nossos relatos intimistas, apresentam-se ora em breves linhas, mas fortemente amparados pelo sentimento de amor e comprometimento com as causas inclusivas.

Em nosso caso, como profissionais da educação escolar hospitalar, atuar como professores, significa muito mais do que darmos continuidade à interação no processo de ensino e aprendizagem, mas perceber seu mundo, suas singularidades, hábitos e costumes de vida. Quando convidamos um aluno novo a participar das aulas em nossa classe hospitalar, ficamos sobretudo atentos aos direcionamentos pedagógicos e à prática docente educacional a ele ofertados. E como iremos proceder em casa caso, pois são únicos e singulares. Nosso contexto por ser heterogêneo, era dividido em quatro ambientes de classe pedagógica, por respeitar as faixas diferenciadas de idade e de escolaridade dos mesmos. Tudo muito bem organizado e colorido. Mesas de apoio, cadeiras, lousa, estantes, computadores, biblioteca



e gibiteca, livros de amparo pedagógico e de conhecimento nas áreas de formação acadêmica. Nossos alunos- pacientes, também eram atendidos em TMOS (espaços de enfermarias individuais para recuperação de transplantados de medula óssea) na própria Casa de Passagem- APACN. Atuamos com equipe de professores formados e contemplados por processos diferenciados de seleção em áreas de Linguagens, Humanas e Exatas e orientados por pedagoga também participante do processo de Educação Hospitalar. O nosso compromisso de acompanhamento escolar aos estudantes em tratamentos de saúde foram sempre visando às causas inclusivas e reintegradoras, considerando as relações interpessoais que se estabelecem nas atuações de práticas docentes em contexto diferenciado. O que se efetivou positivamente perante a realidade da “educação além dos muros da escola” beneficiando a todos os que dela tem direito assegurado, independentemente das situações social, cultural, educacional, e de momento de vida. Os relatos intimistas que ora apresento e compartilho, evidenciam momentos inesquecíveis de vivências e convivências



em meu cotidiano com os alunos-pacientes, que além de registros escritos, representam a realização de minha vida profissional e de evolução pessoal.

Relatos

O olhar da Acolhida

Em nosso caso, como profissionais da educação hospitalar, acolher significa muito mais do que receber. É perceber seu mundo, suas singularidades, hábitos e costumes de vida. Quando convidamos um aluno novo a participar das aulas em nossa classe hospitalar, ficamos sobretudo atentos aos direcionamentos pedagógicos e à prática docente educacional a ele ofertados. E como iremos proceder em casa caso; pois são únicos e nossa relação interpessoal deve considerar todas as heterogeneidades.

O olhar da acolhida pressupõe conhecer, ouvir, olhar com cuidado e respeito. São nos primeiros contatos que a acolhida se torna um elo de confiança e afeto. Primeiro passo para uma caminhada de continuidade da vida escolar



e elo social.

Esse relato intimista que ora apresento em breves linhas, representa uma entre tantas experiências vividas em minha caminhada como professora de linguagens aos alunos- pacientes hospedados na casa de apoio referida.

O camponês

“E” era um menino muito espoleta e inquieto. Dificilmente eu o via andando, mas quase todo o tempo correndo pelos corredores da Casa. Sempre com um sorriso no seu rosto de carinha do interior, causava tremenda agitação dentro e fora de nosso ambiente de convívio.

“E” estava matriculado no segundo ano do Ensino Fundamental e tinha 9 anos de idade. Além de apresentar transtorno de TDH, também apresentava comportamento de imaturidade cognitiva. Mesmo em tratamento de neoplasia como seus colegas, comparecia às aulas quando de seu interesse. Dificil manter sua atenção, pois falava sem parar e se encantava com o computador onde propiciávamos



pesquisas que o envolvessem positivamente. “E” fazia com que todos rissem de suas histórias de vida no sítio em uma pacata cidadezinha de SC.

A protagonista principal de seus relatos era a sua cabra “Emengarda”.

Em um de nossos dias de aula, “E” não se ateuve somente em suas tarefas de língua portuguesa, e teve que contar um de seus episódios lá no sítio em que morava. O que foi respeitado até que se retomassem os conteúdos pedagógicos.

ML? Eu o vi gritando na porta de nossa classe como de costume. Assim ele me chamava em alto e bom som. Todos riam... os alunos, colegas professores e até discretamente nossa pedagoga.

- Pode entrar, “E”.

- Chegou agora do Hospital?

- Cheguei, né?

- Posso ir no computador, “ML”?

- Primeiro vamos fazer uma atividade e depois você pode ir... está bem?



- Eh, lasquera... tá!

- Sabe a cabra, a Emengarda? vai casar!

- Entre as risadas dos colegas de classe ele insistia no assunto...

- “E”, vamos fazer um trato? Depois que você terminar a atividade você nos conta... certo?

- Ah... cortou meu assunto.

- Por quê?

- Porque se não prestamos atenção, sua tarefa não pode ir bem feita pra sua escola!

- É? Depois posso ver o jogo do trator no computador?

- Pode. Trato é trato.

- Terminei! Eita!

- Mas deixa eu contar! A Emengarda achou um noivo. O pai viu o cabrito marrom perto dela. Ele me disse. Tão namorando! Tão namorando!

- É? Como você sabe disso?

- Kkkkk eu sei!

- Vou fazer eles casar!



- Mas tem casamento de cabra e cabrito?

- Tem, oras! Só não tem festa com bolo. Porque cabra gosta de capim.

- Daí vou passar batom na boca da Emengarda. Vai ficar bunita que só!

- Todos riram muito.

- Se o cabrito não apaixonar não é macho! Depois vem mais cabritinhos pro Sítio!

- Achei por bem dar fim à prosa, porque poderia ter rumos inimagináveis.

- E Ele para finalizar

- Viva o casório da Emengarda! A cabra do meu pai! Kkkllllkkkl

Nosso querido e sapeca “E” continuou por quatro meses conosco e infelizmente não resistiu à batalha contra o câncer. Os médicos o mandaram de volta ao sítio de moradia por não encontrarem mais alternativas de tratamento. Faleceu junto a seus entes queridos no lugar em que nasceu e viveu sua breve estadia entre nós. Menino especial.



Danado. Sorriso que vinha de dentro de uma alma pura e de bem com a vida. Vida que viveu intensamente em seus somente 9 anos de idade.

Cada vez que lembro de seus “causos “ penso que talvez até a Emengarda tenha ido para junto dele nos campos das alturas. Sorrio baixinho com toda a imensa saudade e amor que tive para com ele. Aprendi sobre a vida no campo, suas labutas e afetos.

E se tivesse que ouvir novamente suas histórias entre risos e emoções, eu as ouviria. Para todo o sempre... meu amado caipirinha!

O olhar da superação e fé

Trabalhar como professora na Educação Hospitalar sempre me trouxe uma gama de emoções que muitas vezes se mostraram surpreendentes em relação às questões de enfrentamento e resiliência. Na fase da adolescência as meninas, principalmente demonstram atitudes de não aceitação da doença ou estados depressivos. A perda dos



cabelos é o que mais as incomoda, tanto no aspecto físico, quanto ao psicólogo.

Mas às vezes atitudes inversas acontecem. Como se nada impedisse a vaidade de uma garota jovem e de postura positiva

“S” e as chapinhas!

“S” já havia passado por dois transplantes de medula óssea por conta de um câncer raro. No entanto, nunca perdeu a garra e fê incomensurável em relação à cura. Demonstrou sobretudo que a autoestima se recupera e o sentido de viver pode superar o que se entende por estado de resiliência. “S” veio do Ceará. Garota de gênio forte e personalidade marcante. Linda e vivaz, depois de ter passado por drásticos procedimentos ao combate de um câncer raro, vinha à Curitiba e ficava com sua fiel companheira “mainha” na APACN para continuar o tratamento de manutenção. Entre idas e vindas do Hospital, frequentava as aulas em nosso espaço de atendimento educacional.



Seus cabelos já tinham voltado a crescer ainda mais fortes e lindos! Creio que por esse motivo, ela os arrumava tanto.

Todas as tardes preparava-se para comparecer às aulas como se fosse a um evento festivo. Fazia maquiagem e ficava um bom tempo fazendo “chapinha” nos longos cabelos cacheados.

Notadamente sua mãe, que tinha tanta paciência como todas as mães de adolescente, a lembrava do horário diariamente.

-“S”? está na hora de descer, menina abestada!

- Já vou mainha! Estou secando o cabelo e fazendo “chapinha”!

- Fala à Profe que já vou!

- Ainda vou fazer a maquiagem!

- Menina, tome tento! Vai chegar atrasada, é?

- Só um pouquinho... dizia “S”.

Quase sempre eu aguardava o comparecimento de



“S”, que era um acontecimento à parte, não deixando de chamar sua atenção pela responsabilidade devida...

Mas quando ela entrava em nossa sala de aula, com um sorriso maroto, parecendo uma estrelinha da TV, cabelo impecável e maquiagem, eu me ria por dentro.

- Desculpe o atraso, Profe - dizia ela todos os dias.

A chapinha não pegava!

Como não admirar tanta alegria e formosura de uma garota linda que em nada parecia com alguém que passou por tanto sofrimento e agruras?

O que dizer de uma menina ainda em plena adolescência que em nenhum momento mostrava-se desanimada?

A bem da verdade, não amava muito os estudos, mas acompanhava satisfatoriamente os conteúdos propostos relativos ao sexto ano do Ensino Fundamental.

E era uma atração nova todos os dias seus desfiles de moda ... porque além do visual caprichava nos modelos de roupas sempre atuais.



“S” desenhava muito bem suas bonecas com vestimentas de própria criação e dizia após terminar suas atividades escolares:

- Profe, quero ser estilista e maquiadora! Um dia ainda vou brilhar nos holofotes!

“S” concluiu o Ensino Médio e de fato, hoje, após muitos anos de tratamento, exerce com grande categoria a profissão de estilista e consultora de maquiagem. Tem canal próprio na mídia e também contraiu matrimônio.

Segundo os diagnósticos médicos, “S” não poderia ser mãe. Contrariando todos os prognósticos e sempre com fé inabalável “S” engravidou, deu à luz a uma linda pequena e vive hoje muito feliz ao lado de sua família.

Li com grande emoção seus depoimentos na mídia sobre sua vida e o poder da fé, além de os ter presenciado.

Aprendi, novamente, como tantas vezes e com muita humildade, uma valorosa e incrível lição de vida demonstrada pela aluna mais “fashion”, corajosa e linda que tive a felicidade de conviver.

Porque tudo é possível quando se almeja com fé



e coragem o caminho não imposto pelo estado de doença, mas sim o traçado pelas infinitas bênçãos de Deus.

O olhar da espiritualidade

Presenciei muitas provas de fé em nossas vivências com os alunos-pacientes e a bem da verdade é que quando eles enfrentam os tratamentos de doenças graves como os cânceres especificamente, com a força que provém de suas crenças e espiritualidade comprovadamente hoje pela ciência, os resultados são melhores e mais positivos.

Embora o caso que relato a seguir não tenha tido o sucesso da cura, foi uma das fortes evidências de que a vida permanece além do que possamos crer.

O pastorzinho

“M” era um adolescente tímido e franzino de aparência, no entanto muito sábio em relação ao enfrentamento de sua doença.



Chegou na APACN vindo do interior do Estado do Paraná e já apresentando muita fragilidade devido a um câncer nos ossos previamente diagnosticado como grave.

Como um dos procedimentos educacionais burocráticos eventualmente usado em certos casos, “M” foi matriculado pela nossa pedagoga em uma escola estadual próxima ao bairro por desejo do próprio aluno e familiares. Como sempre foi dedicado aos estudos o intercâmbio com a escola tornou-se para ele uma forma de interagir positivamente com os colegas de classe e professores em trocas de correspondências.

“M” recebia os conteúdos relativos ao seu ano escolar com muita satisfação e alegria. A nós, professores, era um enorme prazer vê-lo cumprir com suas atividades com notável empenho e dedicação.

Como o esperado, os resultados de suas avaliações eram ótimos e sempre elogiados pela equipe pedagógica da APACN e pela escola onde se encontrava matriculado. O intercâmbio prosseguiu por meses até que se venceu o final do ano escolar. “M” o concluiu com louvor como se era o



esperado.

O que mais nos comovia era a fé inabalável que tinha e as suas atitudes de abnegação perante ao tratamento. Nunca o víamos reclamar dos efeitos dolorosos das químios e radioterapias. Mesmo quando exausto, pedia que fôssemos o atender em seu leito de enfermaria. Seu grande Pai “Jesus” era sempre citado como maior mentor de sua fé e resistência.

O nosso “pastorzinho” evangelizava como sábio crente e animava seus amigos e amigas que também estavam vivendo momentos de grande dores e lutas contra o câncer.

Com o agravamento de sua doença passou a ser cadeirante e necessitou de amparos maiores. Contudo sempre com um sorriso no rosto o que o tornava um exemplo de força. Um soldado da fé.

Assim, começamos mais um ano e ele sempre fiel aos seus propósitos enquanto ser humano e estudante. Queria cumprir sua breve vida entre nós com tudo o que podia oferecer de melhor vindo de uma alma abençoada e de muita luz interior. “M” era ciente de seu estado evolutivo do câncer e consciente, comentava bravamente sobre a vida



e em como encarava o que seria a sua outra vida. Para ele na eternidade.

Ele foi nosso príncipe, verdadeiro herói da história real que não era a de ficção literária.

Mais um tempo se passou, até que os médicos o desenganaram e aconselharam a família a levá-lo para a sua moradia no interior.

Quando chegou o dia de sua despedida da Casa e de nossa convivência, não podíamos segurar a emoção por mais que estivéssemos preparados para esse dia. Embora com fortes dores, “M” despediu-se de todos com seu lindo sorriso e dizendo sempre:

- Tenham coragem e nunca percam a fé, porque Jesus sempre está conosco!

Talvez no dia da nossa despedida eu tenha sentido o abraço mais lindo e agradecido que tenha sentido em toda a minha vida. Abraço que vinha de braços debilitados, mas providos de carinho puro e sincero que o tornava forte



assim como a força que os grandes heróis têm. Força que vinha de uma alma nobre. Tão nova e tão absolutamente vivida... com uma luz interior que superava a vida carnal. Com a fé que sempre resistiu.

- Obrigado por tudo, profe! Ele me agradeceu.
- Que Deus a proteja!

Eu é que agradei e sempre me sentirei abençoada por lições que ele me proporcionou. Muito mais que eu a ele.

“ M” foi carregado ao transporte que o levaria de volta à sua casa. Com os bracinhos finos segurava sua bíblia. Acenou a todos com movimentos breves, pois a dor que sentia em todo o corpo era muito grande.

Soubemos depois de um mês que havia feito a viagem para a vida eterna. E que sua despedida terrena foi serena. Estava naquele dia crente que iria viver com Jesus. Chamou os familiares ao seu leito, despediu -se deles, amparou-os e disse uma de suas passagens preferidas da



Bíblia.

Não houve choros desesperados. Nem revolta. Muito menos tristeza imensa. O que ele deixou foi o testemunho de fé e amor espiritual.

E a certeza de que uma vida breve às vezes torna-se imensa e eterna nas lembranças deixadas...

Um dia, chegando à minha classe de atendimento fui arrumar a estante e separar alguns livros didáticos. Algo de papel caiu de um deles. Para minha surpresa era um cartão. Com curiosidade eu o abri.

Nele estava escrito uma linda mensagem de agradecimento aos professores e amigos da Casa.

A assinatura era de “M”.

Então reforcei minha crença na vida eterna e na espiritualidade que sempre trouxe comigo.

Agradei mais uma vez por tê-lo tido como aluno e mestre. Sobretudo pelo maior ensinamento que um príncipe pastorzinho poderia ter nos deixado.

Que a fé deve estar presente. Não esmorecida frente às dores da vida. Mas nos ajudando e fortalecendo



nos momentos difíceis e intransponíveis que por ventura nos cerquem.

Nosso amado pastorzinho! Agora a pastorear pelos caminhos dos céus! Assim o creio.

Gratidão!

O olhar cuidador

Em minhas vivências com crianças e adolescentes em tratamentos de leucemia, especificamente os casos da mielóide aguda, observei vários modos de reações psicológicas que necessitavam de orientações também do serviço de psicologia e pedagogia da Casa de Apoio. Uma parceria que nos ajudava em como entender e avaliar ações interventivas no dia-a-dia do nosso espaço educacional.

A dor da revolta

“J” era uma pré-adolescente extremamente vivaz e agitada.



Com muita perseverança nossa pedagoga incentivou-a a comparecer em nossa sala de aula, mas sempre enfrentando muita resistência da parte dela, pois tendo ainda espírito de criança, preferia e gostava muito de estar com outros coleguinhas na sala de recreação.

Aos poucos, e quando estava disposta, “J” comparecia em nosso espaço educacional aparentando pouco ânimo e vontade para estudar. Por muitas vezes víamos sua carinha de revolta e raramente um sorriso. Enfezada e traquina, “J” ainda provocava os colegas e fazia as atividades escolares sem vontade e de mau-humor.

Era um desafio diário para os professores motivá-la, assim como a pedagoga que tinha conversas com ela em períodos de contraturno. Em minha área de linguagens e pelo Serviço de Atendimento SAREH, atendia pelo programa também outras disciplinas.

“J” gostava das aulas de Língua Estrangeira e ia muito bem nas atividades de Inglês. Mas amava os atendimentos adaptados em Educação Física, que iam além de somente pesquisas em esportes. Adaptamos os jogos



recreativos e algumas habilidades que eram possíveis de serem realizadas em espaço próprio. “J” fazia arremessos de bola de basquete à cesta adaptada, jogos de boliche, peteca, balões, riscas ao chão, e outras brincadeiras. Os jogos de tabuleiro também eram bem-vindos, embora ela sempre quisesse a vitória. O que tinha que ser trabalhado constantemente. Inclusive estes com a minha parceria, o que ocasionava um pouco de tumulto. Mas as suas risadinhas preenchiam de alegria o nosso espaço em breves momentos. Porque eram raros. Ríamos como crianças. Também me faziam bem.

“J” também gostava das artes. E era concentrada nas composições artísticas. Usava sempre um chapeuzinho azul, sua marca registrada, por conta da falta de cabelos.

E brincava dizendo que não era a chapeuzinho vermelho. E sim a chapeuzinho azul... Tenho até hoje nas lembranças esses momentos. Parece que a estou vendo chegar pulando e com a carinha enfezada de praxe.

- Chegou a chapeuzinho azul!



- Vamos começar a aula?

- Hum... talvez!

Por um breve período nosso chapeuzinho azul frequentou como podia as nossas aulas. Ao decorrer do tratamento, o câncer tornou-se mais agressivo e expandiu-se para outros órgãos. E assim nossas brincadeiras acabaram. Ela passava quase todo o seu tempo na Casa de Apoio em repouso pós quimioterapias ou quando tinha força na sala de recreação, liberada por nossa pedagoga, que sábia e humanamente a deixava usufruir desses momentos de distração.

“J” queria conhecer o mar. Seu desejo foi cumprido. Após um tempo o câncer atingiu seus olhos, cegando-a por completo. Talvez o mar azul, da cor de seu chapéu azul tenha sido uma de suas últimas contemplações.

Apesar de toda nossa fé, em determinadas situações nos revoltamos também. Sentimento de impotência que nos assola. Mas a vida pertence ao Criador. E anjos também se vão. Dura realidade que temos que enfrentar.



“ J “ se foi calada. Frágil e indefesa. Sem revolta. Parecendo aceitar com dignidade seu destino. Viajou para a eternidade... talvez lá onde muitos anjos brincam, esteja pulando serelepe como sempre foi. Talvez tenha voltado a se rir e provocar seus companheiros como era de sua personalidade forte. A vida aqui se desfez como suas pinturas nos quadros que eram de cores escuras. As dores de sua alma enquanto viva.

Na eternidade creio que sejam azuis. Assim como o mar. Assim como seu inseparável chapeuzinho azul.

Talvez esteja sem ele, com seus cabelos ao vento a correr e pular. Talvez esteja dando trabalho nos céus.

Talvez brincando e gargalhando feliz como nas aulas de Educação Física.

Mas livre. Das dores do corpo e da alma. Porque tudo que é eterno não morre. Revive. E sorrisos... esses os podemos ouvir sempre. Em nossas saudades, em nosso coração que de vermelho, nas lembranças, virou “azul”!



O olhar do milagre

Presenciamos em nosso convívio diário com os alunos-pacientes momentos de grande emoção e fé. O que nos fez acreditar que a medicina aliada ao poder do crer na cura, independentemente de qual religião que se tenha, não só ajuda nos tratamentos, mas pode até realizar milagres.

Hoje, a medicina atual alia a ciência à espiritualidade. E cada vez mais se evolui nesse procedimento clínico e humanizado.

O milagre da cura

“A. P.” era uma adolescente linda, dos olhos azuis e cabelos loiros, de sua descendência. Veio de Santa Catarina para se tratar de um câncer bem agressivo.

As quimioterapias eram extremamente fortes e “ A.P” sofria seus efeitos dia após dia. Quando estava na APACN participava dos atendimentos pedagógicos incentivada por sua mãe e colegas. Os conteúdos



disciplinares eram progressivamente vencidos, seguindo o tempo e situação diferenciados.

O contato com a escola de origem era satisfatório e validado.

“A P” tinha um temperamento forte e ao mesmo tempo desafiador. Quando queria, fazia suas atividades. Quando não queria, não comparecia à nossa classe. O que era compreensível.

Falava muito e, por vezes, com reação um tanto quanto rebelde.

Depois de meses de tratamento, “A. P” teve que se submeter a uma cirurgia para extirpar um grande tumor. Depois outra, e a terceira em órgãos já tomados por metástases.

Soubemos que iria ainda passar por uma última intervenção, mas que estava desenganada pelos médicos oncologistas.

Eu e a psicóloga da Unidade APCN fomos visitá-la no hospital.

Quando cheguei ao quarto, notei que “A.P.” tinha



uma linda imagem de Nossa Senhora Aparecida e a mantinha abraçada a ela em seu leito. Sua mãe orava fervorosamente pedindo a intercessão da mãe de Jesus!

- Minha mãezinha vai salvar minha filha, dizia ela! Eu creio!

Sua filha também orava com o resto de forças que seu coraçãozinho cansado pedia. Nunca esquecerei a emoção que senti ao vê-las juntas, como se nada as pudesse abalar.

Entendi o quanto a fé fortalece a alma e ajuda no enfrentamento da doença. Conversamos brevemente e também saí mais fortalecida e com as esperanças renovadas, pois também tinha muita fé cristã!

Soubemos que no dia da última cirurgia os médicos avisaram a mãe e familiares que provavelmente ela não se salvaria.

“A.P.” insistiu em levar a imagem de sua “Santinha” de devoção consigo. Na maca que a levava ao



centro cirúrgico, duas mães estavam com ela. Foram longas horas angustiantes de espera.

Para o espanto da equipe que a atendia, o tumor maligno localizado em órgão prioritário havia regredindo sem explicação científica. A cirurgia decorreu bem, e não houve necessidade de remoção de órgão.

Com alguns dias de recuperação na UTI, devido ao estado debilitado de nossa menina, foi transferida ao quarto do hospital.

Sua mãe continuava a rezar pela recuperação da filha. E a imagem de “ Nossa Senhora Aparecida” permanecia como companheira nos braços de “A.P.” aliviando suas dores.

Depois de vários dias, ela teve alta. Voltou para a Casa de Apoio e permaneceu na enfermaria TMO, destinada à recuperação dos pacientes.

“A.P” ficou com algumas sequelas pós tratamento, como a perda de memória. Por muitos meses, os professores tiveram que retomar conhecimentos básicos, com paciência em seu leito de enfermaria. Gradativamente, ela foi se



recuperando e a escola foi muito receptiva em aguardar sua total recuperação.

No ano seguinte, nossa Cinderela de olhos azuis voltou a comparecer em nossa classe de atendimento, entre idas e vindas da sua cidade Natal à nossa capital.

Jamais esquecerei o olhar fervoroso de uma mãe falando com outra mãe. E também creio que dentre tantas outras experiências semelhantes, que a fé também cura e milagres acontecem.

Hoje “A.P” está totalmente curada e formou-se em Pedagogia.

Sua mãe, sempre ao seu lado e agradecida pelo milagre recebido, profetiza a sua fé e testemunha o que considerou um milagre recebido. Suas palavras sempre ficarão em minha mente:

“ Uma mãe nunca recusa o pedido de outra mãe “.
Amém!



O olhar da resiliência

Memórias são muitas e também lembranças significativas e emocionantes... em nossa Casa de Passagem, convivíamos com as famílias dos alunos em tratamento de saúde harmoniosamente. Compartilhávamos saberes de vida, além dos estudos.

Os adolescentes faziam parte de nossas vivências e reagiam de diferentes maneiras aos traumas vividos.

Festa de 15 anos

“L” era uma adolescente do interior do Paraná, cujo diagnóstico era um câncer raro e de difícil tratamento. Foi acolhida na APACN juntamente com sua mãe por muitos meses em que esteve gravemente enferma.

Era tímida e falava pouco. Tinha dificuldades nos estudos, mas acompanhava os atendimentos pedagógicos com relativa frequência. Sua mãe, de personalidade oposta, ativa e forte, a incentivava a prosseguir com os estudos.



Como tínhamos também uma proposta de continuidade aos estudos para o término do Ensino Fundamental tivemos a grata alegria de termos sua mãe como companheira em períodos de aulas.

Ambas estudavam e isso era como uma parceria. Não só de apoio emocional, mas sobretudo de resiliência.

Vivemos momentos angustiantes e ao mesmo tempo de demonstração extrema de força e perseverança. O que nos motivava a mantê-las com grande dedicação na jornada estudantil.

“L” e sua mãe eram inseparáveis e conseguiram brilhantemente concluir a etapa final do Ensino Fundamental.

Mas além do propósito educacional realizado, “L” tinha um grande sonho... uma festa de 15 anos!

Ao saber de seu desejo a Casa de Apoio providenciou tudo para que ela tivesse seu sonho realizado.

“L” encontrava-se debilitada e fazendo uso de doses fortes de corticoides. Mesmo assim, ganhou um lindo vestido, e uma maravilhosa comemoração, embora nas dependências da Casa e longe de seus familiares.



No dia do evento, estavam presentes a sua dedicada mãe, os amigos de convivência, professores e funcionários do estabelecimento.

Em um dos cantos do salão de festas, decorado e com um bolo cor-de-rosa, desejo da aniversariante, estávamos eu, minhas colegas professoras e nossa pedagoga, uma das grandes idealizadoras da festa.

- Uma suave valsa embalou a entrada de “L” no salão de mãos dadas com sua querida mãe.

Com os olhos marejados as duas companheiras andavam a passos lentos, mas firmes, pelo salão. Por uns minutos mãe e filha fecharam os olhos. Talvez estivessem imaginando outro acontecimento. Com seus entes queridos, na cidade onde residiam. Talvez tivessem vislumbrando outro cenário... “L” talvez valsando com seu príncipe encantado. A mãe certamente jamais imaginaria estar com sua menina em condições tão avessas ao que planejara.

Dançaram juntas a valsa de 15 anos. Abraçadas



em tão doce amor que não se ouvia um só murmúrio dos convidados presentes. Somente emoções. Risos em semblantes também sofridos, lágrimas misturadas que se faziam únicas.

Mães também abraçadas aos seus filhos e filhas. Com a mesma força. Segurando-os com a proteção materna, desejando não perdê-los.

Palmas esfuziantes encheram o local. “ L” agradecia. Curvava-se aos seus amigos em agradecimento. Comemorava seus 15 anos de vida. Como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse enfrentado tantos períodos de sofrimento como ainda os vivia.

O parabéns foi cantado... muitas felicidades!

Muitos anos de vida!

Um sorriso tímido da protagonista. Um sorriso de alma forte da mãe.

E tudo foi lindo. Quase perfeito. Feliz? Talvez não totalmente. Mas vivido com intensidade.

Jamais esquecerei esse dia. A prova viva da força e resiliência. Amor incondicional de mãe. Que apesar de tudo



não deixou que os sonhos de uma adolescente de 15 anos morressem. Sua menina. Seu tesouro, razão de sua vida.

Lições que a vida nos mostra. E como aprendi com elas!

“ L” hoje trilha os caminhos de educadora. Bem como sua mãe. Venceu. Curou-se.

O prognóstico negativo que, segundo os médicos, era irreversível, tornou-se a mais viva prova de superação pela fé, determinação e amor.

Porque mãe e filha que se amam têm um só caminho. Juntas. Chutando pedras, quando houver.

E permitindo-se bailar em doce valsa pelos caminhos da vida.

O olhar da perseverança

Em nossa classe de atendimento educacional recebíamos estudantes em tratamentos de saúde também das redes educacionais particulares e os acompanhávamos com todo o empenho devido. E tínhamos um feliz e dedicado



convívio.

A médica

“T” chegou ao nosso convívio na APACN para o tratamento de leucemia com agravantes que culminariam provavelmente com um transplante de medula óssea.

Sua mãe a acompanhava e nutria grandes esperanças de conseguir alguém compatível na família.

Muitos dias de espera angustiante até que sua irmã mais nova tornou se compatível, embora não com a porcentagem ideal. “T” frequentava com bastante assiduidade nossa classe de estudos, pois queria muito concluir o último ano do Ensino Médio.

Sempre muito falante e educada, nos surpreendia com seu alto nível cultural e de conhecimento. Dedicada ao extremo e com metas e sonhos a serem cumpridos, nos desafiava a prepará-la para futuro vestibular na área de medicina, como sempre foi de seu desejo e vocação.

Em nossas aulas de Literatura, mostrava incrível



poder de análise compreensiva dos textos diversos e fazia narrativas escritas em nível superior.

Ela era encantadora e exímia aprendiz. Nas outras disciplinas também as acompanhava brilhantemente.

Com o intercâmbio firmado entre a escola de origem e o nosso atendimento pudemos dar continuidade aos seus propósitos.

Quando chegou o dia do procedimento de transplante, “T” que já estava no Hospital

de nossa cidade, Curitiba, mostrou-se serena e confiante. Para a nossa felicidade e de seus familiares tudo correu bem, apesar da recuperação ter sido muito sofrida e difícil. Muito debilitada, com algumas sequelas, após 3 meses, “T” voltou ao nosso convívio na Casa de Apoio.

- Professora, quero estudar muito para me formar e prestar vestibular, dizia ela, com muita garra e determinação!

E a nós, professores também um grande incentivo. Assim, prosseguimos com os atendimentos pedagógicos



até o final do ano. “T” foi aprovada, mediante conteúdos vistoriados e validados pela sua escola de origem e formou-se no Ensino Médio com louvor!

No ano seguinte, nossa menina brilhante passou no vestibular para Medicina, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Não posso dimensionar o nosso orgulho por termos participado de sua grande vitória e pessoalmente, a acompanhei por troca de mensagens na rede social até sua formatura. Sempre com o coração repleto de felicidade e gratidão!

“T” construiu um blog durante sua recuperação com orientações e dicas para os transplantados, a fim de se sentirem melhor mediante a procedimentos de recuperação como ela própria os tinha vivenciado.

Hoje “T” é Doutora em Oncologia como desejava. Exerce sua profissão com um grande legado de amor e dedicação, cumprindo a promessa íntima que jurou!

- Vou cuidar dos meus pacientes que sofrem de



neoplasias com a certeza de que também serão vencedores!

Que Deus a ilumine em sua vida profissional e inspire a muitos jovens guerreiros e lutadores a nunca desistir de seus propósitos!

Ela, nossa menina brilhante, será sempre um lindo exemplo a ser seguido!

Aura que certamente ilumina com competência e doçura os bravos corações dos pacientes que por suas mãos serão curados!

Assim seja!!!

O olhar especial

Em nossas acolhidas aos alunos-pacientes, nos deparamos muitas vezes com crianças e adolescentes portadores de síndromes e transtornos globais de comportamento. O que nos incentivava a estudar e a nos especializarmos também na área da Educação Especial, notadamente no meu caso particular.



Convivi com os “especiais” e junto a eles também superei obstáculos e limites. Porque a Educação Inclusiva pressupõe a garantia de se garantir o processo de ensino e aprendizagem a todos os sujeitos, o que sempre se efetivou mediante posturas inovadoras aos contextos das diversidades.

Meteoro

“J” era um menino esperto e muito falante. Extremamente inquieto e ansioso, notadamente inteligente para algumas aptidões e avesso aos estudos. Quando começamos a conviver com ele, em nossa sala de aula, percebi que “J” não conseguia se manter concentrado por mais de quinze ou vinte minutos em certas atividades relativas aos nossos atendimentos. Falava o tempo todo, mexia-se na carteira, levantava às vezes para observar quem passava no corredor e perturbava os outros alunos-pacientes. No entanto, curioso ao extremo, fazia perguntas que até nos deixavam perplexas. Não gostava das ciências



exatas, e adorava as aulas de arte.

Como produzíamos telas de composições em pintura, ele só assim ficava concentrado. E o resultado dos trabalhos era surpreendente. Seu rostinho ficava feliz e iluminado quando via suas telas prontas.

E dizia: - Profe, vou dar esse quadro para a minha mãe. E saía das aulas correndo como um meteoro. Conversando com a psicóloga da Casa de Apoio, tivemos a certeza de que além da leucemia, “J” apresentava Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH. Então, além dos cuidados costumeiros em relação ao tempo e necessidades individuais, tivemos que ficar atentos a esse transtorno de comportamento que ainda era agravado pelo tratamento de combate à patologia. No meu caso, como também era pós-graduada em Educação Especial, lançava mão de estratégias que o mantivesse interessado nos conteúdos da área de linguagens, além das preferidas.

Notei que sua mãe o super protegia e queria que ele ditasse as regras. O que era mais ou menos frequente com outras mães.



Muitas vezes, não comparecia e, mesmo sabendo do seu estado, fazíamos de tudo para que não perdesse o ano escolar. Priorizávamos os conteúdos mais significativos e a pedagoga mantinha contato semanal com sua escola de origem, alertando para eventuais dificuldades avaliativas por conta das dificuldades relativas ao transtorno que “J” apresentava, além da situação de saúde.

Eu não tinha dificuldade em atendê-lo, pois a experiência com alunos que tinham a mesma característica comportamental já me dava suporte suficiente para o grande desafio. Ele era extremamente carismático e mesmo “perturbando” a turma, todos gostavam dele e riam de suas atitudes.

- Lá vem o meteoro, diziam.

Os meses foram passando e “J” apresentou melhora gradativa ao seu estado.

Entre vindas e idas ao hospital e acolhidas na APACN, conseguimos por um ano, com dificuldade



acompanhar os conteúdos disciplinares provenientes da sua escola de origem.

Ao final do ano letivo, com avaliações regulares, a pedagoga entregou o parecer avaliativo que indicava sua promoção para a série seguinte. Suas melhores avaliações foram em Arte, Língua Portuguesa e História.

Eu o vi pular de alegria e correr aos braços da mãe, que o segurava nos braços orgulhosa. Eu e os professores, também felizes.

Não foi fácil o desafio. Mas nunca desistimos de nossa incumbência como mestres do conhecimento, apesar das dificuldades enfrentadas. O amor e a paciência ultrapassaram limites.

“J” voltou para sua morada no interior do Estado.

No ano seguinte, no início do período letivo, a nossa pedagoga ainda não havia recebido notícias do nosso “meteoro”.

Dois meses se passaram.

Eu, pessoalmente, tinha grande amor e carinho por ele e ansiava por notícias.



Talvez tivesse tido alta para frequentar mais assiduamente a escola de sua cidade. Assim nutria esperanças positivas.

Em uma das tardes rotineiras em nosso ambiente de trabalho, a psicóloga chamou nossa pedagoga para atendimento em seu departamento.

Fiquei preocupada, pois esse procedimento já era preocupante. Geralmente, era comunicado apreensivo.

Quando a pedagoga entrou em nossa sala de aula, senti que as notícias não eram boas. Seu olhar denotava isso.

Quando terminamos os atendimentos, ela pediu uma reunião. Já sabíamos que sempre que éramos avisados para tal diálogo, poderíamos esperar notícias tristes. Esse era o procedimento adotado por ela quando nos reuníamos em caráter emergencial.

Para nossa surpresa, o nosso levado menino havia partido para a eternidade, por um agravamento não esperado da doença.

Pessoalmente, eu tinha equilíbrio para enfrentar esses tristes acontecimentos, já que faziam parte de nossas



vidas também.

Especialmente no caso de J”, parecia não acreditar que um garoto tão ativo pudesse ir. Fiquei triste, incrédula. Mas temos que prosseguir. Quando nos tornamos professores da Educação Hospitalar, sabemos que o enfrentamento às perdas faz parte de nosso cotidiano.

Sempre estará em minha memória o molequinho mais danado e sapeca que já havia tido como aluno. Seu rostinho feliz fazendo arte e lambuzando as mãos com as tintas, as correrias ao entrar e sair da sala de aula, rapidamente como um meteoro... ficarão comigo.

Estrelinhas estão nos céus. Meteoros, no Universo.

Ele distante. Talvez voando como um anjo, ou quem sabe, pintando telas... um artista que a vida terrena levou. Muito rápido.

Porque a vida quando determinada breve por Deus, é assim. Intensa, forte, audaz. E a eterna, não tem pressa.



O olhar do resgate à vida

Quando atendemos nossos alunos-pacientes nas unidades de TMOS designadas aos transplantados de medula óssea, temos que direcionar com mais cuidado e zelo nossas ações pedagógicas. Sobretudo respeitar suas condições de estado de saúde e psicológicas. Nesse ambiente tudo é esterilizado e nossos materiais obedecem a esses procedimentos. Os horários de medicamento e tempo diferenciado devem ser respeitados rigorosamente, a fim de que não interfiram na recuperação dos internos. O que justifica nossas adaptações em contexto diferenciado.

A enfermeira

Cada vez que recebíamos um aluno novo em nossa classe de atendimento, era um misto de curiosidade e ansiedade que envolvia a todos. Nossa pedagoga os recebia e os apresentava com calor humano e entusiasmo.

“J” era uma adolescente linda e esfuziante! Falava



alto e sorria lindamente. Tagarelava sem parar e facilmente fez amizade com os colegas e equipe pedagógica.

Muito simpática, chegava todos os dias quando liberada, contando sobre seu dia a dia entre consultas no hospital HC e acontecimentos diários. Seu vocabulário típico interiorano era às vezes engraçado e notadamente incorreto quanto às concordâncias frasais. Depois de alguns dias eu a corrigia, não por falta de respeito ao regionalismo, mas para interá-la quanto ao vocabulário correto oral, o que a ajudaria em futuras produções textuais, pois “J” estava nos últimos anos do E.M.

- Profe, dizia ela. Hoje nós foi no hospital e... quando percebia que eu a estava olhando, ria alto.

- “J”! Nós fomos hoje ao hospital!

- A senhora também foi, profe?

- E era um riso em unísono!

Depois de um tempo entre consultas e procedimentos hospitalares, “J” foi submetida ao transplante



de medula óssea, embora não com toda a compatibilidade necessária.

O transplante ocorreu satisfatoriamente, no entanto com graves ocorrências pós efetuado. “J” ficou no hospital por um bom tempo e após teve alta para voltar à nossa Casa de Apoio, interna na enfermaria do TMO.

Começamos então, com a devida liberação médica e da equipe multidisciplinar, a visitá-la no quarto.

Depois de ter o aval de nossa pedagoga, subi ao andar superior da casa onde iria fazer meu primeiro atendimento a ela.

Usando uniforme protetor, máscara e luvas esterilizados, adentrei no quarto. “ J” encontrava-se debilitada e visivelmente depressiva. Bem diferente da garota vivaz que conhecíamos. Seus olhos muito vivos sobressaíram, embora tristes. A máscara facial escondia seu sorriso que era sua marca registrada. Não foi fácil vê-la tão frágil e debilitada, muito abaixo de seu peso corporal. Ela estava visivelmente depressiva. Contudo ansiosa por nossa convivência que sempre foi amigável e carinhosa. Mesmo



estando em situação delicada, “J” manifestou o desejo de ter os nossos atendimentos pedagógicos.

Conversamos um pouco antes de começarmos nossa aula de Língua Portuguesa.

Eu a ouvi com paciência e senti suas apreensões e medos. O que era normal nesses casos de recuperação. Apesar disso, “J” sentia vontade de prosseguir seu ano escolar. Como estava também sendo assistida pela psicóloga da Casa, deixei-a bem a vontade quanto ao tempo de atendimento.

Nesse dia, especialmente, a escuta tornou-se bastante significativa. Bem mais do que o conteúdo disciplinar.

“J” falou-me do medo da recidiva, queixou-se dos efeitos colaterais bastante fortes. Mas tinha uma fé inabalável e isso a amparava, bem como o amor de seus familiares e amigos. O desejo de voltar à vida normal e ao convívio social eram muito evidentes. E o medo do transplante não ter dado certo a atormentavam apesar disso. Sentimentos antagônicos que povoavam seu coração de menina-mulher.



Li para ela uma passagem literária de autora de sua preferência. Não tivemos o momento da escrita. Trabalhamos oralmente. Anotei suas interpretações textuais. E senti o quanto uma proposta adaptada podia resultar positivamente nas relações interpessoais.

- Profe, será que vou conseguir?

- Tenho medo de morrer.

- Queria tanto ser enfermeira!

- Eu gostaria muito de ouvir teu sorriso alto pelos corredores voltando pra nossa sala de aula, minha querida! Respondi. Creia!

- Aposto que um dia você estará em outra enfermaria, vestida de branco, atendendo seus pacientes!

“J” então sorriu com os olhos mais lindos que eu imaginaria ver e assentiu!

- Com minha fé vou vencer, professora!



Foram alguns meses de luta com momentos de preocupação da equipe médica e também nossa.

Ao final de 3 meses, “J” teve alta do TMO e voltou a frequentar nossa classe. Conseguiu concluir o ano escolar e para a nossa alegria, formou-se no Ensino Médio com louvor! E sua vivacidade tornou-se mais ainda evidente. Assim, como seu sorriso que significava acima de tudo a vitória da vida!

Hoje, após concluir o curso de técnica em enfermagem no mesmo hospital em que foi interna, “J” também se formou no superior, em Enfermagem!

O que nos orgulha e gratifica!

O que levo comigo, é seu sorriso largo e encantador! Que sobreviveu perante os sofrimentos e provações! O sorriso de “J”!

Nossa linda enfermeira. Menina-mulher! Que com toda a graça e dedicação fará com que muitos outros sorrisos se abram para a “vida”.



O olhar da vitória

Dentre todas as experiências gratificantes que tive em minha vida profissional na área da Educação Hospitalar, uma das mais felizes foi o coroamento do sucesso dos alunos- pacientes em sua trajetória escolar e de vida. A superação de limites, por muitas vezes relatada, nos reaviva a plena certeza de que a prática docente em ambientes diferenciados e não singulares efetiva as causas inclusivas e reintegradoras como realidade da educação além dos ambientes formais das escolas regulares. Reforça, acima de tudo os direitos assegurados pelas Políticas Públicas perante à Educação Hospitalar e os novos paradigmas educacionais que se integram significativamente propiciando o pleno atuação e reinserção à sociedade vigente.

Dia de Formatura

Era um sábado, final do ano de 2010. O palco adaptado em uma das dependências da APACN estava



cuidadosamente arrumado. Na mesa destinada à equipe docente, multidisciplinar e diretoria, havia flores escolhidas pelos familiares dos formandos e homenageados. E delas exalava um perfume ímpar...que ficaria em nossas memórias, pois além de um adorno, representava todo o carinho que nos envolvia.

Nós, professores, pedagoga e demais presentes, compartilhávamos um êxtase, misto de ansiedade e sensação do dever cumprido à espera de nossos queridos formandos do Ensino Fundamental.

Ao som de música suave, ali estavam eles. Adentrando no salão de festas como se estivessem relembando cada segundo de suas vitórias. Sim. Tiveram momentos difíceis. Muitas vezes sofridos devido ao tratamento de leucemia, transplantes de medula óssea e outros processos oncológicos. Mas que foram vencidos e superados bravamente.

Quando os formandos ficaram à nossa frente, tive a feliz incumbência de proferir algumas palavras destinadas a eles e aos presentes. Senti que tudo o que pudesse dizer-



lhes seria insuficiente.

Com a voz embargada dediquei em palavras a nossa gratidão por termos vencidos juntos uma caminhada que teve a força, fé e resiliência como resistência. E os estudos concluídos brilhantemente.

A “formatura” relativa à conclusão do Ensino Fundamental encerrava uma trajetória de vida escolar e talvez uma das maiores vitórias de suas vidas.

Vendo-os ali, nervosos e tímidos, mas lindos e felizes trajando suas becas, rememorei momentos em que estivemos juntos, numa vivência de amor e comprometimento... prosseguindo ao seu tempo os estudos e compartilhando atitudes de companheirismo e dedicação jamais vistos em minha vida de educadora.

Quando nossos alunos-pacientes receberam o diploma de conclusão do nono ano do EF devidamente regulamentados pelas escolas de origem, choraram emocionados. E nós e os familiares também, lágrimas de orgulho, entre abraços e cumprimentos.

Foi a primeira formatura organizada nas



dependências da APACN pela nossa pedagoga. E com certeza, não a última. Mas era especial, porque representava o fechamento de um ciclo e a abertura de outro. Não só para a continuidade de seus estudos, mas para uma nova vida.

Especiais também foram nossos estudantes, que nunca foram considerados diferentes por estarem passando por tratamentos de saúde. Nunca perderam a identidade e foram dignos de todo o respeito e consideração.

Compreendi, naquele vitorioso dia, que nada supera o envolvimento de se “educar”. Seja em qualquer espaço, em quaisquer adversidades. E que a palavra “inclusão” significa “estar presente”.

Eles viveram o seu “ dia de formatura”. Alguns rostinhos estavam à mostra, outro ainda coberto pela máscara hospitalar. Mas o sorriso da vitória era o mesmo porque se vislumbrava também pelo olhar. Eram únicos e indefiníveis...

Nada mais do que o resgate à vida!



Considerações finais

M. Lúcia

Desde que iniciei minha vida profissional como educadora do Ensino Regular, experimentei com muita dedicação e afinco, as mais variadas formas de ações pedagógicas em diferentes ambientes. Desde os primeiros anos na Educação Infantil, até as últimas atuações como professora do Ensino Fundamental e Médio. Os últimos 15 anos de docência foram em ambientes não-escolares, além dos muros das escolas.

Na Educação Hospitalar, como professora da área de linguagens, vivenciei momentos únicos e singulares, fazendo-me adentrar em universo diferenciado onde evidenciei a importância das causas inclusivas e reintegradoras, bem como as relações interpessoais que se deram em contexto de classe hospitalar.

Meus alunos-pacientes redimensionaram minha vida de educadora como nunca dantes haveria imaginar. Aprendi sobre os novos paradigmas educacionais e as



múltiplas linguagens e as relações Educação e Saúde. Garantir o processo de Ensino e Aprendizagem como direitos humanos aos sujeitos que se encontram em tratamentos de saúde, reinserindo-os em sua escolar e social, fez-me além de tudo uma lutadora pela Educação sem limites e preconceitos.

Como professora do SAREH, firmei sempre com muito amor e dedicação o propósito de igualdade de condições para o acesso ao conhecimento de forma a garantir aos alunos- pacientes, seu desenvolvimento intelectual e biopsicossocial.

Como apaixonada pelas causas inclusivas, especializei-me em Educação Especial, Educação Fundamentada na Arte e Educação Hospitalar, o que me respaldou significativamente perante as práticas docentes educacionais em contexto diferenciado. Concebi uma visão ética de respeito às individualidades que, além de complexas, exigiram extremo senso de humanidade nas relações com meus alunos-pacientes.

O conhecimento do contexto em que atuei e as



adaptações necessárias em relação às subjetividades e sobretudo aos estados psicológicos e físicos por eles vividos se fizeram presentes nos atendimentos diários. Não fui somente uma professora mediadora. Em muitas situações fui a ouvinte, a conselheira, a irmã, a amiga. Jamais tive atitudes benevolentes. Sempre fui carinhosamente chamada de “Profe”!

Tive que enfrentar situações de extremo sofrimento em relação a gravidade dos tratamentos neoplásicos no contexto em que atuei. Encontrei o equilíbrio psicológico e força em minha fé. Vivenciei as dores e também superações com as mães dos internos dos hospitais e alunos-pacientes acolhidos na APACN. Convivemos como uma grande família. Inúmeras vezes essas mães choraram em meus ombros. E também dividiram sua felicidade ao verem seus filhos curados. Lembro-me como se fosse ontem, meu primeiro dia de aula na classe hospitalar da minha Unidade, APACN. Oito alunos de diferentes faixas etárias me aguardavam ansiosamente à porta de entrada. Tudo correu na mais perfeita harmonia. Creio que o amor e a



cumplicidade que nos envolveu já estavam escritos. Depois de alguns meses, por complicações adversas, quatro deles eu vi partir para a vida eterna. Em semanas seguidas. Um dia, quando achei que não teria mais forças para prosseguir em meus atendimentos, marquei um atendimento com a psicóloga da Casa, a fim de orientação e apoio emocional. Fortaleci-me e fui caminhando pelo corredor que me levaria ao nosso espaço educacional. Quando cheguei à frente da entrada da classe, estavam meus quatro alunos e outros quatro novos a minha espera. Foi então que compreendi que a resposta que Deus me mandara estava ali. Em rostinhos curiosos e envolventes. E hoje, guardo fortes e lindas lembranças que me fizeram um ser humano melhor em todos os aspectos de minha vida. Não só profissional, como pessoal. Cresci como educadora. Tornei-me mais humana, mais forte. Vivenciei o amor sem limites. Tornei-me mais espiritualizada. Acalentamos juntos sonhos e expectativas. Fomos cúmplices de vida em etapas que exigiram muita resiliência! Vi com orgulho a maioria deles se formarem no Ensino Superior. Memórias serão inesquecíveis! Registradas



de alguma forma em breves relatos apresentados nessa obra escrita. Talvez se tornem uma inspiração aos professores que pretendem atuar na Área da Educação Hospitalar. Talvez sejam simplesmente leitura de um universo diferenciado. Quem sabe a reflexão sobre valores de vida. Despretensiosamente, uma feliz constatação de que fui e pra sempre serei a mais grata professora que concluiu realizada, seu caminho nessa vida como profissional da Educação!



Agradecimentos

Prof.^a Silidária Ferreira de Souza Costa

Aos alunos e às alunas-pacientes da escolarização hospitalar.



Considerações Iniciais

Professora Silidária

Proteção de identidades: Utilizei iniciais simbólicas como forma de proteger as identidades reais dos alunos e alunas-pacientes mencionados, especialmente, por serem relatos baseados em eventos verdadeiros e em contextos sensíveis, onde a revelação de nomes completos poderia causar constrangimentos pela exposição pública de informações pessoais; garante-se assim o cumprimento das normas éticas e legais.

Justificativa para o emprego de linguagem figurada e coloquial:

Sei que, tradicionalmente, em relatos, emprega-se a linguagem denotativa, objetiva e precisa. No entanto, utilizo, de modo ocasional, linguagem figurada e coloquial e, ousou até a alguns neologismos, com o intuito de tornar as narrativas mais tangíveis e facilmente assimiláveis para o leitor. Outro aspecto, não menos relevante, é a tentativa de adicionar camadas de significado que aprofundem a



compreensão e me auxiliem na descrição emocional do aluno/da aluna-paciente. Também, por ser a linguagem figurada mais envolvente e estimulante e, ao meu ver, conseguir captar uma representação mais fiel e expressiva das experiências vividas, mostrando nuances emocionais e psicológicas que a linguagem denotativa pode não conseguir transmitir como eu gostaria que fosse. Adicionando-se a isto, a possibilidade de permitir a exploração de diferentes interpretações e a consideração de múltiplas perspectivas sobre os casos discutidos, promovendo o engajamento do leitor/da leitora.



Capítulo **3**

**RELATOS:
PROFESSORA SILIDÁRIA**

Relatos professora Silidária

O inquilino

Ele morou no 6º andar do HC por meses, já era um mocinho de 16 anos, graúdo, esperto, falante quando chegou. Educado. Muito educado. Se dirigia às professoras da escolarização hospitalar sempre colocando um “senhora” antes de começar a história que ia contar.

Não tinha carteira de habilitação, mas se dizia um exímio motorista de trator e de caminhonete. Lá na cidadezinha dele podia. Era ele quem fazia os fretes para os vizinhos ali do povoado e também levava a família à missa nos domingos de manhã quando não chovia; nos dias chuvosos era muito lamaçal, a Brasília atolava, era melhor não arriscar. Nestas ocasiões, a mãe caprichava no almoço, tinha mais tempo. Galinha caipira, polenta, macarrão e salada fresquinha colhida na horta que ela mesma fizera. Tudo era tão bom.

A irmãzinha menor reclamava que só ele vinha para Curitiba, ela chorava por ter de ficar sem a mãe e o



irmão.

No alto dos seus sete anos, era deveras um desafio.

As aulas eram intensas, ele era curioso e inteligente.

A bem da verdade, tinha uma defasagem no conteúdo, tão comum a muitas das nossas crianças e adolescentes que se veem obrigados a trabalhar cedo para ajudar no sustento da casa. A lida na roça é brutal. Consome o tempo e exaure o corpo. E assim se deu.

Ele veio animado. Esperançoso. Muito. As inúmeras cirurgias, cinco, não deram conta de fazer recuar o crescimento do tumor no cérebro.

J.L. fazia das aulas e das atividades extras um momento de lazer. Era inspirador tanta dedicação. Passava os dias no leito; exceto quando ia pra cirurgia. Lia compulsivamente. Resolvia as atividades propostas com esmero nos primeiros meses.

A cada procedimento cirúrgico, menos movimentos. Parou de escrever. A coordenação motora fina estava comprometida.

Já não andava.



A pouca visão não permitia ler. O costumeiro bate-papo que precedia as aulas, não foi mais possível, a área responsável pela fala fora severamente afetada. Irreversível. Sorria como sempre fez.

O sofrimento não lhe arrancou esta habilidade que era sua marca indelével. Nesta fase, ele gostava de ouvir as histórias. Eu lia pra ele.

O menino J.L. amava Monteiro Lobato. Ele sorria. Parecia entender. A mãe, sempre as mães, acompanhava as aulas de leitura. Embora com poucos anos de escolarização, na sua simplicidade, tinha uma opinião própria sobre as obras literárias que ouvia. E também um prognóstico sobre a doença do filho. Esperançosa. Assim como o filho, sempre sorridente. Quando vejo uma estrela piscando forte.

A banda

Nem sanduíche, nem pastel fritinho na hora, nem fruta fresca. É gostoso? Não pode. Vem nutricionista, vem psicólogo, vem oncologista, vem o capelanista. Vem até



professor; você nem imagina, este é o último lugar onde eu esperava encontrar estes seres. Aqui no hospital tem professores. E eu pensei que com a doença, não iria vê-los. Durante anos, eu sempre gostei mais do horário do intervalo no colégio: lanche na cantina, conversa jogada fora com os amigos no pátio, aquela olhadinha dissimulada nas meninas da turma dos maiores, tudo muito bem disfarçado quando a tia que cuidava do pátio estava por perto, mas bastava ela virar as costas e... Olhares furtivos, é hora do desfile nos corredores, das panelinhas. Pôr as fofocas em dia.

No 15º do HC, não há luz do sol. Muita luz me agride a pele. Agoniza meus olhos. Penumbra. Sempre penumbra. Somando-se a isso máscaras, álcool, é preciso desinfetar tudo. Até as palavras. Há certos assuntos sobre os quais a gente não fala. Não é que seja proibido; mas é inconveniente: em alguns momentos, é igual ao silêncio de um velório. Soturno. Vozes veladas. Veludasas vozes. Sussurros inaudíveis.

Alimentação parenteral é sem sabor. Nutre. Mas nada que se compare ao cheiro quente do bacon que a



mamãe adiciona ao tempero.

Sinto o peso da solidão. São toneladas que arcam sobre meus ombros. Os nutrientes da sopa não nutrem meu ser. As horas são lentas.

É noite no meu ser. Indagações.

Por que eu?

Minha vó dizia que cada um tem seu destino e o poeta diz que a cada um cabe a dor e delícia de ser o que é. As decisões são sempre solitárias. Eu decido pela vida. Mas... mucosite dói tanto. Esta química me dá um enjoo na alma. Esse tempo não flui. É lento.

Minhas veias sofrem. É muito acesso. Cateter. Meu coração resistirá?

Dor? Morfina. Morfina. Enjoo? Plasil.

Depressão? Fluoxetina.

Quem sabe resolve.

Minha mãe joga Uno comigo. Meu pai? A vida lá fora continua. Ele tem de pastorear o gado. Regar a vida que continua florindo.

Na colheita da soja, o tempo urge. Aqui, já não



sei. Há conceitos consolidados por mim, dos quais duvido agora. É tudo tão confuso. Difuso. Prolixo. Dislexo. Rotina.

Poderia ser simples. Conciso. Direto. Eu só quero sair daqui.

Matemática. Português. Geografia.

História.

Quanta história. Quero mudar a história. Não gosto desta história de TMO. Quem falou em leucemia. Isso foi antes do transplante. A história agora é outra. A geografia física do meu quarto é simples: cama à direita do Ocidente; eletrodos ao norte das minhas emoções. Do lado sul, ficam a esperança de sair vivo daqui, a saudades dos amigos, do bate-papo na internet, do olhar de rabo de olho no intervalo das aulas. Dos professores. Quem diria. Sinto falta dos professores da escola. Eles são gente boa. Pode acreditar.

Morfina. Plasil. Ciclosporina. A medula vai pegar? Aula. Topo todas. É melhor que sedativo. Cálculo. Interpretação. Redação. Filosofia. Espaço Sideral. Se vier javanês, eu enfrento.

Me defenestrar. Não dá. Há grades na janela.



Grades. Grades. Quantas grades. O sol não nasce xadrez. A semi-vida aqui é quadrificada, rotulada, carimbada, coisificada. Ainda sou gente? Perdi minhas referências. A vida lá fora continua. É preciso continuar.

Nem sempre foi assim. Antes, eu não tinha esse rosto que o espelho me mostra. Nesta madrugada, eu havia decidido mandar uma foto atual minha pra minha namorada, mas não tenho coragem, estou careca. Em que espelho ficou perdida a minha face?, diria Cecília. Os meus olhos luziam. Meus lábios diziam palavras doces. Meu coração palpitava. Minhas mãos tinham força. Em que espelho eu me perdi? Neste transplante, há muita esperança no meu ser; eu acredito na vida pós-transplantado. Nem sempre foi assim. Tudo de novo: mucosite, morfina, mais morfina. Imploro por morfina. Dá um barato legal. Flutuo. Gosto de morfina. Meu prazer se resume à morfina. É uma viagem bacana. Saio desta cela. É hora do banho de sol. Morfina é a real.

Plaqueta? Hoje é dia de plaquetas. De psicólogo. Da comidinha de sempre. De dormir. Acordar. Dormir. Dormir. Acordar. Vomitar. Sentir dor. Sentir dor. Dia de mucosite.



De Vômito. Diarreia. Vômito. Psicólogo. Enfermeira. Doutor. Doutor. Tudo ficou pior. Doutor de novo. Exames: sangue, urina, fezes. Sangue, fezes, urina. Doutor. Laudo médico. Rejeição? A medula nova não pegou? Será que eu aguento mais essa?

É preciso lutar. Parafraseando Umberto Eco: essa é uma obra aberta. Qual será o final? Sei que é preciso recomeçar.

Nas aulas de Linguagem, sempre houve espaço para desabafos, relatos orais e escritos. Este foi um deles. Narrado pelo bateirista R.R., sonhador, nativo de Floripa. Alma de poeta. Resiliente. Sobrevivente. Ele viu a vida por um fio. Ficou meses internado. Fez o transplante. Teve todo tipo de complicação, exceto rejeição. A medula pegou. Durante o período no qual viveu a clausura de um quarto escuro no 15º andar, longe da música que era a sua alma, leu muitos livros de literatura, escreveu bastante e reconfigurou sua vida através de outros olhares da arte. Sarou. Voltou para a ilha. Voltou pra banda.



Para esquecer a dor

Desde que me tornei professora na rede de escolarização hospitalar do HC, na General Carneiro, 530, do Alto da XV, me indago todos os dias. Por que saio de casa no segundo turno do dia para lecionar a doentes? O que move uma professora em fim de carreira a enfrentar a morte alheia? A lidar com tanta dor, sofrimento profundo que desloca a alma, fere a esperança, estilhaça toda força humana?

Faço estas indagações apenas como cunho didático. Eu sempre soube a resposta. Nunca tive dúvida sobre meus objetivos, sempre acreditei que a Educação modifica o estado de espírito para muito além de trabalhar o conteúdo programático da grade curricular. Alimenta o indivíduo com o que há de mais nutritivo na formação do sujeito. E a cada vez que me paramento para mais um atendimento, me sinto o elo entre a vida aqui fora e a esperança lá dentro.

Cada aluno-paciente se agarra ao fio de vida que



ameaça se esvaír. Horas incontáveis de quimioterapia, radioterapia, injeções, comprimidos. Hidratação. Fisioterapia. Psicologia. Agonia. Melodia: é o tic-tac da aparelhagem que mede a sistólica, a diastólica, a oxigenação sanguínea. Entra freira. Entra pastor. Entra enfermeira. Entra equipe médica.

Entra a Trupe da Alegria: que palhaçada. É hora de rir. Rir de quê? Entra professor. Até aqui? Urge entrar na roda viva da vida.

Talvez a psiquiatria não explique. A religião tente defender uma tese. Os Mãos sem Fronteira ensaiem algo que denote solidariedade. Mas o encantador no mundo da escola no hospital jamais será dimensionado pelas mentes intelectualizadas. Muito se tem lido sobre teorização nesta área. São teóricos. Tão somente teóricos. Jamais saberão a profundidade de se ver definhar, agonizar, sonhar e protagonizar a morte como estes alunos,alunas-pacientes sabem tão bem. Quando eu era criança, minha mãe dizia que a pessoa foi para o céu. Para as crianças, os adultos dizem que o ente querido virou estrelinha. No sistema, as



estatísticas relatam que houve mais um óbito: números que se somam e antagonicamente se subtraem. Um leito vaga. Por pouco tempo. Até se fazer a desinfecção. Na fila de espera, há milhares de moribundos cuja vida depende de um leito de hospital.

Devo considerar que jamais conheci seres tão luzentes quanto à equipe de enfermagem. São anjos celestiais colocados no lugar exato, na hora exata. Com uma missão ingrata: furar, medicar, aplicar. Fazer dor para eliminar a dor. Ossos do ofício.

Professora lembra escola. Amigos. Intervalo. Paquera. Vida. A escola no hospital tem cheiro de lanche quente da cantina do colégio. Traz reminiscências das saídas de uma aula para outra. Houve casos de um aluno-paciente, sei que é difícil de acreditar, mas juro que é verdade, que não queria ter alta hospitalar somente para continuar tendo aula no leito. Loucura.

São impropriedades do ser. Insalubridades da mente humana. Brados retumbantes na agonia de uma alma que reclama por um mínimo de saúde física. Estudar. Ler.



Gramaticar. Interpretar. Calcular. Geometrimizar. Historiar.
Fazer Arte.

Naquela tarde nublada e fria, típica de Curitiba, cheguei às 13:00 h. No cronograma de atendimentos, o primeiro atendimento era no 13º, na sequência, o 14º, depois o TMO. É bom inverter. Começar pelo TMO. Vixe. O paciente dormiu: efeito do Plasil. Voltar depois.

No 10º, quimioterapia de alto risco. Máscara, higienização das mãos com álcool 70, produto antisséptico. Avental. Luva. Jamais seria reconhecida assim.

Ao longo dos trinta anos na escola regular, raras às vezes senti sorrisos tão calorosos como os que avisto ao adentrar cada quarto. É sempre uma emoção crescente. Inunda meu ser. Invade minha alma. Se eu fosse romântica, diria que a vida se faz ali. Sei que é indubitavelmente mais profundo este conceito. Caim jamais teria matado Abel, se inundado por este amor ágape. Julieta esperaria incontáveis dias por Romeu. Dirceu e Marília ainda seriam amantes.

Os anjos mais lindos e especiais do reino celestial vêm parar aqui. Amáveis. Sensíveis. Receptíveis. Sedentos



do saber.

Eu tinha quinze anos quando intentei ser professora. O que uma juvenzinha desta idade sabe sobre o ofício de ensinar. Para traduzir a linguagem das frações: talos de mamona, gomos de mexerica, pedaços de maçã. Funcionava.

Caligrafia. Existia aula de caligrafia. História, Geografia. Abstrato.

Catar piolho. Aplicar bochecho de flúor. Injeção. Faxinar a sala de aula. Catequese. Função da professora. Reminiscências.

E eu nem sabia que plantar fumo, algodão e hortaliças causava câncer. Hoje eu sei.

Na aula de hoje, o texto lido foi A Moça Tecelã, Marina Colasanti. Leitura. Discussão sobre a obra. Rendeu um bom debate.

A aluna M.A. gostou do conto, ela disse que o enredo nos permite uma outra tecitura, nos transporta, e uma frase que eu jamais vou me esquecer: faz esquecer a dor.



Produção de paráfrase. Reestruturação do texto.
Desenho e pintura do cenário da obra, da cena mais impactante. E o tempo passou. A arte modificou as sinapses cerebrais nesta menina.

Em tempo, devo registrar que a felicidade mora no hospital. Pequenos avanços no tratamento são motivos de comemoração.

Aconteceu assim com ela

O HC continua na pauta dos meus relatos.

Certa tarde, no início do turno, fui ao quarto B do terceiro andar. A aluna M.A. era muito quieta. Quase nunca se expressava com clareza suas vontades. Cabelo encaracolado: ela dizia que eram molinhas. E realmente, pareciam molinhas. Penteadas cuidadosamente pela mãe, que sorridente e de uma paz de espírito indescritível, me recebia no seu lar. Hospital. Prisão. Solução. Nem sei.

A pequena, encolhida no seu leito; nas primeiras aulas, quase não falava. Raramente queria estudar.



Prenunciava a hora fatídica. Ouvia. Ouvia sempre. Opinava pouco. As aulas eram mais dirigidas à mãe, que ao receber as atividades, passava-as com maestria à filha: que superava as expectativas que se tem sobre uma aluna do oitavo ano _ excelente em interpretação de texto. Com o passar dos meses, qualquer gênero textual a satisfazia: um desafio para a reclusão forçada no auge da adolescência desta menina.

Quebra-cabeças? Devia ter mais de mil peças. Ela amava encontrar a peça exata que preenchia os vazios. Ela queria um UNO. Era a sensação do momento. Eu prometi conseguir um.

Nas aulas de Arte, tinha predileção pelas artes visuais. Fazia releituras das obras apresentadas a ela, uma muito marcante para mim foi de Abaporu, de Tarsila do Amaral.

Me lembro dela comentar com a mãe que parecia um vizinho deles porque era grandão, mas não tinha miolo. E riu muito da própria observação.

Viver é o grande desafio para qualquer vivente, não questionemos aqui essa redundância. Mas quando o sujeito



se encontra enfermo nas condições da M.A. é preciso extrair força de onde for possível. Cada medicamento é decisivo, a luta é ferrenha.

Leucemia. Transplante. TMO.

Rejeição da nova medula. Agora, herpes.

A frágil mocinha, esquelética. Pálida. Inchada. Debruçada nos esforços de se manter viva. Gestos lentos. Acessos intermináveis. Cateter.

Mas herpes? Isso significava privação de contato. Ninguém podia tocá-la fisicamente.

O álcool 70º tornou-se seu amigo inseparável. Não. Ela não se tornou alcoólatra. É que é essencial a desinfecção e a degermação de todo e qualquer objeto utilizado na penumbra do claustro onde ela residiu por meses. Desde diagnosticada a doença.

Numa certa ocasião, eu havia preparado uma aula no laptop, ela participava mais quando eu usava o computador. Mas ela me surpreendeu. Queria conversar. Que estranho, ela andava tão calada. Me contou sobre a terapia com a psicóloga. As sessões com a terapeuta



ocupacional. As expectativas do retorno à escola de origem. Me falou longamente sobre a liberação que a oncologista havia feito, agora ela já podia comer de tudo, inclusive salgadinhos. A sonda nasogástrica, sua parceira há tempos na nutrição enteral, havia sido removida. Percebi que ela estava animada. Papeamos por um longo tempo, desta vez foi um diálogo na essência da palavra.

Ao sair, ela me agradeceu pelo papo. Sorriu.

Me jogou um beijo. Saí feliz.

Ela morreu na madrugada daquela noite.

Viver Feliz

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz”. Já dizia o poeta.

A. A. é uma moça sorridente, carismática, de Colombo, Paraná. Tenho consciência de que estou sendo redundante ao dizer que os alunos, alunas-pacientes da escolarização hospitalar são translúcidos, acolhedores, inteligentes, interessados em aprender; me recebiam com



um sorriso contagiante, daqueles que dissipam todo tipo de mau-humor. Nestes anos de trabalho no hospital, foram raríssimos os casos de alunos que não quiseram aula. No hospital, aula é uma das melhores coisas que acontece. Injeções, comprimidos, antiansiolíticos, quimioterápicos, corticoides, corticoides, mais corticoides. Náusea.

Vômito. Diarreia. Mucosite. Sonolência.

Já eram 15h, quando cheguei ao leito B do décimo andar, me deparei com uma anjinha com nome árabe, com um nome longo. Único. Nem ela sabe o significado. Ela não tem origem árabe. Coisas de mães que assistem a filmes românticos ou de super-heróis.

Os Doutores da Alegria estavam por lá. Festa.

Risos. Mais risos.

É preciso rir.

Eles nos fazem rir.

A menina sorria. Se esqueceu do drama que a afligia: leucemia linfóide aguda. Sistema imunológico frágil.

A tia que a acompanhava também sorria. Que



alento. Eu e a estagiária do curso de Pedagogia entramos.
Era um ambiente agradável; rir é bom. Rimos também.
Lava a alma. Falamos sobre discrepância. Assonância.
Ressonância.

E todas as ânsias. São muitas.

Ansiedade. Fugacidade. Velocidade.

A vida passa pela sonda. Passa pelo cateter. Passa
pelos acessos. Pelas veias. Pelas artérias. Pelos canais da
comunicação.

Minha disciplina preferida, eu coloquei na ficha de
apresentação, é vida. Foi o que me disse aquela moça bonita
do laço de fita. Aquela vida que puder ser vivida em todas
as formas de redundâncias: no imperativo, no superlativo,
nas diferentes declinações.

Declinar é ofício dos latinos; ela, portadora de uma
doença grave, conjuga o direito de viver. Ato constitucional
na lei da vida.

A.A. é um número. Sua pulseira de identificação
delimita este fato.

Ela sabe que lá onde mora, é vizinha, colega de



sala, amiga sincera, filha amada, membro da igreja.

Não tem namorado. Estudar é o foco.

No turno da manhã, logo após o banho no leito, fez quimioterapia. Vomitou. Teve náuseas incessantes.

Quis aula mesmo assim.

Estava se preparando para o vestibular de medicina.

Toda aula, ela me entregava várias redações inspiradas nos temas abordados pelo Enem. Estudava com determinação.

Havia esperança de cura.

Lemos A Terceira Margem do Rio. Ela amou Guimarães Rosa.

Revisamos regência verbal.

A oncologista de plantão conversou demoradamente com ela. Explicou sobre as adaptações necessárias na medicação. Ela fez várias perguntas no início da explanação da médica. Logo depois, calou-se de tal modo que parecia ter emudecido. Deixou-se abater por uma tristeza profunda. Quando a médica saiu do quarto, virou-se para o canto e chorou. Não quis mais aula naquele dia.



Essas cenas desoladoras mexem com nosso emocional. Mas é preciso continuar. Sair daquele leito, ir para o próximo como se a cena que se passou há pouco, não tivesse acontecido.

Na aula seguinte, ela já estava feliz de novo. Estudou com o mesmo afinho de sempre. Me mostrou algumas redações reestruturadas. A esperança estampada no rosto dela era a mesma de sempre.

“Eu sei que a vida deveria ser bem melhor e será”.

Foi preciso voltar

Eu estava feliz. Nem podia imaginar: mas, as surpresas da vida, ninguém pode ignorar. Estava indo tudo muito bem. Até o pessoal da limpeza estava gostando do resultado. Vinham me ver todos os dias: papo demorado, conversa pausada. A vida é simples. Não requer pressa. O importante é dar pausa na pausa, falar de amenidades. Palpitar sobre o caso, traçar perfis, fazer ponderações. Marcar presença.



Os palhaços da trupe sempre me fazem rir. Há momentos nos quais eu preferia chorar. Mas não posso refutar a ideia de que preciso ser feliz. A vida aqui é fugaz. É veloz e taciturna. A cada instante vejo fluir por entre cateteres e agulhas meu sangue, que já nem é meu; foram tantas transfusões: todas as raças e credos passam pelo meu coração. Batem no mesmo ritmo. Realmente não faz sentido segregação, discriminação, separação - somos filhos da mesma biologia. A genética urge.

Novamente, sala de cirurgia. Meu osso foi fraturado no banho. A UTI é a lei da sobrevivência. Tenho medo de tudo. Minha mãe é meu anjo da guarda.

As imagens que se estruturam no meu cérebro, redesenham uma clínica oficial: dolorida. Quero caminhar. Fazer adolescências. Molecar. Traquinar. Há fios que me impedem de agir. Estagno. Paraliso. Sou inerte. Sombra. Espectro do que eu fui.

Quando retorno ao meu eu, me frustro. Choro copiosamente. Lastimo pelo que eu era e o que não fui. Sou a Serpentário recém descoberta, que mudou a vida



no planeta dos Homens e fez a translação ser diferente. A rotação da Terra não obedece ao meu ciclo.

Menstruo em outra ordem. Sou fêmea. Mulher humana. Sangro e não morro. Sou gente. Meu coração pulsa. Sou bicho esquisito. Criação divina.

Eu estava feliz. Foi tudo bem. Nem podia imaginar.

Mas, as surpresas da vida: a enfermeira veio me contar.

Ninguém pode ignorar: sem querer, quebraram meu osso. Que dor. Quinto andar: sala de cirurgia de novo. Outra vez. Novamente. Quem diria. É Páscoa. 2011. Eu queria tanto estar na minha casa.

Lá, a ressurreição de Cristo tem outra conotação. Também tem ovo de chocolate. Tem almoço comemorativo em toda família cristã. Mas, quando alguém ri, ri porque está feliz. Não é por convenção. Já nem sei bem o que é sorrir de felicidade. Ando tão sozinha; falo com meus pensamentos. Sem essa perna. Sem porto seguro.

Foi preciso voltar: voltar ao meu fluxo de consciência. Voltar a mim mesma, ao mais profundo do meu



ser. Às vezes, em minhas constantes orações, peço à Nossa Senhora Menina, que entenda meu dilema, perdoe meus pecados. Sou pecadora? Todos são? Invoco a Santíssima Trindade. O que fiz para merecer tanto abandono. Sou boa filha. Ajudo minha mãe, faço lasanha no domingo, limpo bem a casa. Tenho notas boas no colégio. Sou boa menina. Educada, sorridente. Onde foi que eu errei?

Foi preciso retornar. Estou no âmago da minha essência de adolescente; faço um balanço da minha vida. No caixa, entre lançamentos, débitos e déficits, fico pensando, matutando, lendo todas as minhas reminiscências: onde foi que eu errei. Por que foi preciso voltar ao quinto andar, à sala de cirurgia? Vasculho minha alma de menina interiorana; lá sou amiga da amiga da filha do vice-prefeito.

Tenho tudo que quero. Corro de pé descalço. Olho a lua aparecer no horizonte. Decifro os enigmas das nuvens: são baleias, sereias, preás, quatis, ouriços e tamanduás. Como é lindo o anoitecer no noroeste do Paraná. O céu tem mais estrelas, mais vaga-lumes, mais humor. Tenho analisado o azul celeste de Curitiba; não sei se é em



consequência desta minha situação, mas parece que é tão cinzento, falta nele o brilho da cidade pequena; está sempre tão nublado, esfumaçado. Nem consigo ver estrelas. Ou será que elas deixaram de existir. Já faz tanto tempo que eu nem saio deste leito. Nem tenho direito a banho de sol. Qual foi meu crime?

Desde o início, eu sabia que não seria fácil. Eu sempre soube. Mas o tumor cresceu. Por que esperar tanto. Me indaguei. Artimanhas da medicina. O incômodo evoluiu. Entre idas e vindas, já se vão dois anos.

Antes, eu queria ser professora. Sem a perna esquerda, eu serei direita? Dou conta da situação? É direito alguém precisar de alguém? Consigo ultrapassar as barreiras do ser ou não sei. Irei viver?

Creio. Duvido. Creio. Duvido. Duvido que creio. Minha mãe crê.

Li em algum lugar que a plantação de café requer cuidados específicos contra a ferrugem; veneno potente.

Sou vítima da ferrugem, do café ou do agrotóxico. Me enferrujei agrotóxicando ou me vitimei cafeando.



O café do Brasil é bom. Tipo exportação. Não tem broca. Hoje me falaram que minha perna deve ser amputada.

Monstruosidades.

Não basta. Meu pé ficou afixado para trás: as ligações nervosas devem ser exatas. Sou Curupira nesta emblemática medicina.

Foi preciso voltar. Para quê?

Sei que, como já dizia o poeta, cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é; não escolhi ser amputada. Não escolhi este câncer. Nem fazer minha família sofrer: minha mãe sangra. Meu pai se desidrata a cada dia. Cancerar dói coletivamente, maltrata as entranhas da vida. Destroí as sinapses da essência humana. Delapida cada sistema do corpo. Mina a inocência. Corrói o ser do ser.

Fui novamente para a UTI; enfermeiras maravilhosas: amigas, compreensíveis, amáveis, líquidas, transparentes, suficientes.

Na janela, continua a grade que separa; reparte em arte e destarte constrói o sol que não aparece no meu quarto sombrio; relata as aparas de luz que se refletem longamente



na nostalgia do ambiente e que, sumariamente, aspergem minha alma lúgubre de esperança.

Este pé não pisa como eu pisei outrora nas veredas do meu sertão. Direita, esquerda. Hei. Volver. Avante. Sempre adiante. Jamais retroceder. Doravante, sem a esquerda. Irei: os anjos me chamam. Serei anjo. Serei. Sereia. Será? Ou quem sabe serafim? As trombetas ecoam na via láctea do meu íntimo angelical.

Sou bicho do Paraná: forte; latente; reagente; coerente; magnificente.

De que me importa o gramatiquês, concordância verbal ou nominal; a geografês, Pico da Bandeira, traçar as rotas marítimas, a altitude da Cordilheira dos Andes, bússolas; ou quem sabe biolojar: desvendar DNA, saber da experiência da ervilha: Mendel, faço questão de ignorar; XX, XY: o que serei? A genética responde? Câncer é X ou Y? Cansei. Cancerei. Cancerosa eu sou.

Historiar, desvendar os enigmas da matemática: comparar, somar, dividir. Farei a área do perímetro das incisões que sofri ou calcularei a hipotenusa das dores.



Hoje, quero multiplicar meus minutos neste planeta, elevar à milionésima potência a convivência com os meus. Dividir minhas angústias, minhas dores, minhas aflições, meus questionamentos. Quero certezas: irei para onde? Farei o quê? Terei plasma ou ectoplasma? Sombra ou Luz? Meus avós virão me buscar ou meus colegas de escola? Terei duas pernas ou uma? Saberei Matemática ou quem sabe javanês? Se eu for boa aluna na Classe Hospitalar terei nota boa no andar de cima?

Por ora, penso que esta prótese está muito cara. Vinte mil reais é dinheiro pra caramba. A safra de café foi minguada; o algodão não produziu muito. Minha vida está por um fio. O bicho da seda faz fio, tece a teia, tear não o falta. Faltar tempo é tempo feito. Fazer falta é tear o tempo.

Voltar para historiar, geografar, chegar ao lincar da literatura, algarismar a geografia e a gramática; contar, narrar, descrever, tecer, historiografar, exalar o cosmo pelos meus poros. É como o broto d'água que surge pelas mão divinas no despontar da grota, mas que quando passa pelo latifúndio do senhor todo poderoso dos agronegócios, vê-se



imerso em caudalosos banhos de pesticidas.

Este pé invertido me incomoda. Da pé nesta vida ou a vida é este pé. Se usar a Matemática da escola, terei meu tempo somado aos dias de câncer, mais o amor da minha mãe, subtraídas as aflições dos dias taciturnos do internamento no HC? Feitos os cálculos, elevados à máxima potência do Amor Divino, consigo o produto desta relação multiplicado pelo Amor Ágape desta galera que me cerca. Foi preciso voltar: voltei. Voltarei quantas vezes forem necessárias.

Aqui, há anjos vestidos de branco; soldados alados; filhos do Deus Vivo; Criaturas Iluminadas. Eu fui feliz lá na roça, minha voz era límpida; eu era um amor leve. Onde foi que eu errei. Eu era feliz e sabia. Por isso, foi preciso voltar.

Eu sempre soube andar; logo aos dez meses de idade, eu sabia engatinhar; erguia-me nos móveis da casa. Me arrastava para a felicidade dos meus avós. Todos eram felizes: eu tinha duas pernas - elas andavam.

Fiz quinze no HC: festa, balões, parabéns, bolo e abraços. O Sareh veio me beijar e me amar. Sou feliz, mas



foi preciso voltar. Voltei para meus amores: mãe, pai, irmão.
Foi preciso voltar para recomeçar.

Esta adolescente ficou internada por mais de um ano no HC, morava num quarto da Casa Amarela na rua lateral do hospital. Uma excelente aluna. Dedicada. Não cancelava aula nem nos dias mais difíceis. Nunca reclamava. Ali se definhou. A doença venceu.

Os primos unidos por ELA

Quando M.M. chegou ao Ana Carolina Moura Xavier, já estava cadeirante, em poucos meses, respirava apenas com o oxigênio do cilindro que fora acoplado à sua cadeira de rodas. Já não frequentava mais a turma do oitavo ano do seu colégio. Os movimentos eram cada vez mais lentos; para teclar no laptop, usava um lápis grosso acoplado a uma tala de couro adaptada para prender o lápis à mão. Digitava lentamente. Mas queria aula todos os dias que ia ao hospital fazer terapia ocupacional e fisioterapia. Amava hidroterapia. Não articulava mais as palavras; o



músculo responsável pela vocalização estava paralisando. O da deglutição, também. Usava fralda geriátrica, era um rapazinho alto, esquelético. Pálido. Sorridente, no início. Logo veio o priminho, menorzinho. Com os primeiros sintomas da ELA. Brincalhão. Cheio de gracejos. Feliz. Ainda andava com as próprias pernas. Usava caneta comum. Caderno comum. Digitava rápido como é comum a quase todos os meninos da sua idade. Olhava para o primo e parecia não entender que este seria também o seu caminho. Tão rápido. Tão certo. Tão perto. B.B. tinha a ingenuidade tão pertinente a quase todos os meninos do sexto ano do fundamental. Acham que sabem tudo. Sabem tão pouco do todo. Lia rápido. Desafiava a doença que o espreitava tão unida a ele. Fazia desenhos belíssimos de releitura das obras que ele analisava. Empreendia nas primeiras palavras do inglês. Acompanhava com batucos as músicas que lhe eram apresentadas no novo idioma. Corria para piscina de hidroginástica assim que era dispensado das aulas da escolarização hospitalar. Era deveras feliz. Ao findar o ano letivo, M.M. não tinha mais autorização para frequentar as



aulas, não fazia hidro. Nenhuma terapia. Não se movia. Era um serzinho ligado às máquinas no seu quarto de dormir. B.B. veio para as primeiras aulas no ano seguinte.

Sinalizador

Era festa de final de ano. As amigas combinaram todos os detalhes: roupas, maquiagem, bebida, uma roupa de banho especial, afinal de contas tinham de comemorar o fechamento do ano letivo, em um ano, terminariam o ensino médio. E cada uma das três seguiria seu rumo na vida. Planejavam cursos diferentes, J.M. queria medicina, ficaria isolada das demais, as outras, depois de anos juntas no mesmo colégio, queriam morar no exterior, ter experiência em intercâmbio, aprimorar o inglês e só mais tarde, voltariam para o Brasil, e depois de um bom cursinho, tentariam uma faculdade.

Nos dias que se antecederam à noite da festa, foram ao salão de beleza do Shopping Barigui, capricharam no visual; cabelos cortados, hidratação e coloração, unhas



esmaltadas. Escolheram um biquíni atraente, os meninos do terceiro ano também iriam à festa na cobertura da F.L.; compraram perfume diferente para marcar a nova etapa. O J.K. ficou encarregado de cuidar das bebidas e fogos de artifício, era o único da turma que já era maior de idade, a família dele se mudou para Curitiba no meio do semestre no sexto ano, ele ficou meio desnorreado, não se adaptou logo ao sistema de ensino da capital, viera do noroeste do Estado; com aproveitamento mínimo dos conteúdos, perdeu o ano letivo.

Vamos à festa. Todos chegaram no início da noite para fazer o esquentar e organizar o entorno da piscina onde seria o ponto alto da celebração. Festa boa é assim. Os pais da

F.L. estavam num cruzeiro pelo Atlântico comemorando bodas de prata. Bebidas variadas, ninguém se lembrou de comprar comida. Tudo bem, seria muita caloria, álcool já é engordativo, não era preciso comer. Por volta das vinte e duas horas, o álcool já havia subido, o som alto em excesso, bem acima dos 50 decibéis permitidos por lei,



já tinha feito o síndico interfonar várias vezes, atendendo a reclamações dos vizinhos. A turminha prometia baixar o volume, e até baixava, mas tão logo o segurança virava as costas, alguém se esquecia da promessa e a festa rolava nas alturas. Uns amigos dos amigos da J.M. trouxeram uns lances interessantes, que davam um barato legal. Umas balas, uns comprimidos aparentemente inofensivos, uns baseados da hora. Todos experimentaram tudo. Até que alguém teve a brilhante ideia de desligar tudo, tudo mesmo, o som, as luzes, o interfone. Assim, ninguém seria incomodado. Lançou-se uma enquete rápida, aprovação total. Quem precisasse de iluminação, usasse o celular.

Os corpos se misturavam.

O céu azul quase sempre nublado de Curitiba estava cintilante pelo colorido sonoro dos fogos de artifício; na época, ainda não havia proibição para esta prática que tanto atormenta os animais, os doentes acamados, idosos que gostam de dormir cedo e as crianças com Transtorno do Espectro Autista. Então, festa boa. Todos enebriados, extasiados com a excelente organização. J.M. convidou as



duas melhores amigas para acompanharem-na ao banheiro, coisa comum às mulheres, as mulheres são assim, vão ao banheiro em grupo. Eram parceiras de todos os tempos, de uma vida toda, já pularam o muro da escola juntas, colaram em quase todas as provas, quem não o fez que atire a primeira pedra, plagiaram os trabalhos dos alunos dos anos anteriores, aqueles que pela excelência da pesquisa são encadernados e expostos pela pedagoga na biblioteca da escola. Juntas tiveram os nomes inscritos no livro de ocorrência da escola várias vezes, viram os pais chorarem juntos e se questionarem onde haviam errado. Mas, também foram outras inúmeras vezes destaques da turma pela relevância de pesquisas honestas apresentadas nas feiras do conhecimento realizadas anualmente. Tiveram seus nomes destacados no jornalzinho do colégio e anunciados no alto-falante nos intervalos do recreio nas datas festivas.

J.M. não viu, as amigas levaram um sinalizador para o banheiro e dispararam o artifício. Ela estava fumando. Uma grande explosão tomou conta do espaço. As meninas correram. Ela não conseguiu. Estava demasiada



alcoolizada para empreender uma fuga. As amigas saíram chamuscadas e pularam na piscina. Ela, 98% do corpo queimado. Queimaduras de segundo e terceiro graus. Meses de internamento. Dolorosos desbridamentos. Gritos. Dores. Muitas dores. Gritos. Urros. Nenhum vivente internado na ala para queimados no Evangélico passa incólume.

Nos primeiros dias, a moça não quis aula, mal conseguia abrir os olhos. Recebia medicação para dor e consumia seus dias dormindo. Ou gritando.

De dor. Mesmo diante de muitas negativas, a pedagoga da escolarização hospitalar apresentou o programa de ensino e se colocou à disposição. Nós, as professoras, passávamos no quarto dela oferecendo as aulas.

O tempo é senhor. J.M. se abriu aos estudos. Leu todas as obras exigidas pelo vestibular da UFPR, gostava em especial de literatura e redação. Durante as aulas, ditava as resenhas para que eu digitasse, ela teve comprometimento nos tendões das mãos e por isso, não conseguia escrever; mais tarde, depois de muitas sessões de fisioterapia, recuperou os movimentos. Fazia todas as atividades encaminhadas pela



escola de origem. Encerrou o semestre escolar com um bom nível de aproveitamento. Suas amigas nunca foram visitá-la. Responsabilizaram-na pelo incidente.

Em uma de nossas conversas, durante uma análise que ela fizera sobre o conto *As Formigas*, de Lygia Fagundes Telles, ela me relatou que se sentia como se estivesse vivendo um realismo mágico ou fantástico, como as amigas-primas da obra, que não parecia ser parte da vida dela todo o ocorrido e que ao sair do hospital, gostaria de continuar a terapia com a psicóloga e virar esta página da vida (como se isso fosse possível). Cursar medicina já não fazia parte dos seus planos. Talvez Direito.

A primeira vez

Ele estava no HC há meses; esperava por uma medula. O transplante era urgente. Índio. A mãe estava sempre ao lado da cama, exceto quando chegavam as professoras para as aulas. Nestes intervalos, ela descia para comprar as coisas para o filho e para ela também. Ia pra



XV de Novembro dar uma esparecida; olhava as vitrines, admirava o jeito do povo da capital se portar e, voltava para o filho. Era comunicativa e gostava de um bom dedo de prosa. Contava longas histórias de sua cidade do interior do Paraná, das festividades na igreja, do padre, das comadres que estavam cuidando das suas plantinhas e dos bichos. Do riacho que quando transbordava, trazia pau e arrastava tudo que encontrava pela frente. Das secas que matava toda plantação de milho e arroz. Da geada que reduzia o cafezal à madeira inútil. Das dificuldades para fazer os filhos chegarem à escola, o ônibus cedido pela prefeitura não dava conta de romper o lamaçal das estradas em épocas de chuvarada. Ao seu modo, a vida na roça era animada para Maria e sua família. O marido trabalhava de sol a sol; quando falta dinheiro, troca dia com os compadres, tira uma grana que dá pra comprar pelo menos macarrão e açúcar. Roupa nova só em ano de safra boa, ainda bem que os meninos têm uniforme escolar.

Quando o E.U. começou a reclamar de fraqueza, ela prescreveu por conta própria um vermífugo e um



fortificante. Esta prática é muito comum nas áreas rurais onde o acesso ao médico é escasso.

E.U. não se curava. A fraqueza só aumentava. A mãe, d. Maria, como tantas outras marias, insistiu no tratamento prescrito por ela ao filho.

Levou E.U. ao postinho. E.U. fez exame de sangue. Leucemia em estágio avançado.

As peregrinações para a capital se intensificaram. Horas na ambulância. Horas no HC. Consulta com o hematologista. Químio. Fila pra transplante. Internamento, dois anos intercalados com visitas curtas à cidadezinha natal. Via os amiguinhos da escola, o pai, os irmãos. Voltava renovado para a nova etapa. Mais químio. Mais terapia ocupacional. Mais psicóloga, mais exames. Muitos exames diários. Acessos em quase todas as veias que ainda permitiam ser furadas. Os estudos se intensificaram nesta fase. Lia toda tipologia textual que lhe fosse oferecida. Menino falante. Costumeiramente alegre. Tinha lá seus dias de mal humor. Quem não os têm?

Amava a arte Naif. Dizia que nas terras de onde



vinha, havia muitos artistas assim. Tinha uma madrinha artista. Autodidata.

Reestruturar a produção textual não era do seu agrado quase sempre. Escrever escrevia. Mas reescrever, não era de bom grado. A não ser que fosse no computador. E assim, fazíamos um pacto. E estava tudo bem também.

Começaram os preparativos para o Natal. E.U. e d. Maria contavam os dias. Iriam visitar os seus. Estavam mais efusivos do que nunca. Faziam extensos relatos sobre a vida na roça. A macarronada com massa de tomate, a maionese com creme caseiro, o porco no tacho e a tubaína comprada especialmente para o almoço de Natal. Os amigos vinham. Era divertido.

Na última aula antes da viagem, d. Maria me contou que ele havia perguntado se iria morrer. Ao que ela respondeu que todos morreríamos um dia. Segurou sua mão. Oraram em silêncio. Ela dormiu. Ele dormiu.

Não acordou mais.



Resiliência

Há meses, ela estava naquela cama, quase não caminhava mais pelos corredores intermináveis e com o mesmo cheiro de álcool, carne queimada, odores indecifráveis. Logo quando ela chegou, o corpo inchado, as dores profundas que percorriam cada entranha do seu ser, não a impediam de fazer um pequeno passeio que fosse espiando de soslaio aqueles habitantes sisudos do local. Este era um dos pequenos prazeres da sua vidinha consumida pela Miastenia Grave.

Com o passar do tempo, o corredor cheirando hospital, os gritos vindo do leito dos queimados sendo submetidos ao desbridamento, tudo o mais que envolvia aquele ambiente, já não atraía mais o seu desejo de sair da cama.

O relógio da parede branca marcava horas infundáveis, dias repetidos, suas veias estavam fartas de cateteres, acessos, injeções e soros. Veio o desânimo, o desalento, a depressão. Já não chorava nem pedia pra ir



embora pra casa. Queria morrer. Parar de sofrer.

Dias nebulosos. Aflição para a mãezinha que em nenhum momento abandonou a cadeira à cabeceira da cama que ouvia suas preces. Dona Maria, a mãe, era analfabeta, assinava os documentos de autorização para os procedimentos na filha com o polegar tingido de azul. Nestes momentos, se sentia humilhada, secava as lágrimas na manga da blusa, erguia a cabeça e estampava um sorriso aberto no rosto enrugado, maltratado pelas labutas na terra, onde trabalhava de sol a sol para dar o de comer para os filhos. E, resiliente, saltava de novo para a luta. Nunca esboçou uma reclamação.

Durante anos, acompanhou S.R. nos internamentos.

Assistia às aulas religiosamente quando as professoras da escolarização hospitalar iam ao leito da filha. Eu trabalhei com Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental. Oralmente, Dona Maria sabia vários conteúdos. Certa vez, me pediu para ensiná-la a escrever o próprio nome; queria ler também o nome do ônibus que a levaria à Assembleia Legislativa, iria pedir um cilindro



de oxigênio para a filha poder ir passar o Natal com a família no interior do estado. E assim foi. Treinou o nome e aprendeu a ler os letreiros do ônibus que a levaria a uma semiliberdade para a filha.

Destemida. Uma leoa. Ganhou o cilindro de oxigênio. Comemorou o Natal em família.

S.R. teve de ser reinternada.

Voltou do passeio bem empolgada. Participava ativamente das aulas. Leu todas as obras indicadas pela professora da escola de origem, fez as atividades propostas com entusiasmo. Era bonito ver como ela era criativa nas aulas de Artes. Decorou o quarto no Evangélico com releituras de obras de Van Gogh e Tarsila do Amaral, um gosto eclético. Na escolarização hospitalar, a adaptação curricular é fundamental para o êxito no processo de ensino-aprendizagem.

Entre idas e vindas. Entre um tratamento intenso e doloroso, muitas crises de depressão, muitas conquistas e retrocessos S.R. cursou parte do Ensino Médio também através do Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização



Hospitalar do Paraná (SAREH), enquanto estava no Evangélico.

Hoje, estuda em casa e sonha em fazer enfermagem.

Rolê de fim de semana

Era final de semana e ele estava circulando pelo Cabral, nas proximidades do terminal. Madrugada calma. Poucos transeuntes. Marcha lenta. Vidros abertos. Som no último. Não bebeu naquele dia. A namorada não gostava de álcool. Era vegana. Feminista. Defensora dos direitos humanos e da Amazônia.

Parou para papear. Namorar. Sentiu um batido forte na lataria da nave. Olhou. Nem pensou duas vezes. Ligou o carro. Arrancou cantando pneus.

Pelo vidro de trás, uma bala varou sua cabeça do lado direito. Parou na contramão. Parte da sua massa encefálica colou no volante. A namorada gritou. Muito. As janelas dos prédios continuaram fechadas. O banco ensanguentado. O namorado pálido. Parecia não respirar.



Ela já não tinha mais voz. E afônica explicou aos policiais que faziam a ronda que precisavam de ajuda. Averiguaram a pulsação. Era fraca. No carro da polícia, o vermelho do sangue de WW penetrou no banco. Profundo. Os homens falavam sobre a lavada que o Coxa tinha levado. Estavam chateados. Gastaram com o ingresso.

O sangue tingiu o carpê do carro. Bandido sempre acaba assim, ela chorou mais ainda, lágrimas secas, por dentro, WW era homem trabalhador, honrava com seus compromissos, pagava os boletos em dia. Como assim, bandido?

Pobre. Preto. Da periferia de Almirante Tamandaré.

O médico atendeu logo. UTI. Três cirurgias. Este moço não fala mais. Falou. Este moço não ouve mais. Ouviu. Este moço não enxerga mais. Via tudo. Milagre? Milagre.

Agora, cadeirante, fazia fisioterapia, estudava na escolarização hospitalar. Se desafiava a cada aula, levava atividades extras para tentar resolver em casa. Um milagre? Um milagre. Em Língua Portuguesa, tentava resolver as questões dos vestibulares. Vou ser gente na vida,



repetia à exaustão. A voz saía empolada, sua dicção ficou comprometida. Com um canudo na mão, vão me respeitar.

Gostava de ler contos e crônicas contemporâneos. Torcia o nariz para gramática. Eu o entendo. A pedagoga adaptou um lápis para ele fazer as redações, mas ele sempre preferiu digitar.

No final do ano, encerrou o primeiro ciclo dos seus sonhos, concluiu a primeira fase do ensino fundamental. Já estava de olho no calendário para saber as datas da matrícula para o próximo ano. Queria também fazer um curso profissionalizante ligado à tecnologia.

Ele tinha apenas dez anos e muita experiência acumulada

Era aluno do quinto ano do fundamental quando a leucemia foi diagnosticada; passou a morar na Casa Amarela na rua lateral do HC. Risonho. Felizinho. Frequentava a classe hospitalar todos os dias, acompanhado pela mãe, que também se matriculou na Eja para concluir os estudos. Ambos eram bons alunos, dedicados.



Depois do transplante, as professoras recebiam um horário especial para que não coincidisse mais de um aluno na sala de aula. Mãe e filho. Exclusividade. Eram cenas emocionantes. Ele se divertia quando sabia um conteúdo mais que a mãe. Principalmente, compreensão de textos, ele era ótimo, somente nos dias de quimioterapia, quando estava muito debilitado, economizava no sorriso; às vezes, vomitava e tristonho não queria aula, nos demais, era pontual. Ele e seu guarda-chuva, porque a pele sensível em decorrência do tratamento oncológico não permitia exposição ao sol. Usava também uma máscara permanente.

Só podia comer alimentos cozidos, reclamava que tinha vontade de comer frutas cruas. Não podia. Então, nestas ocasiões, evitávamos trabalhar com imagens de certos alimentos.

As aulas eram sua única diversão, uma vez que lhe era proibido contato com o mundo externo, outras crianças.

Como A. estudava no mesmo horário que a mãe, quando tinha uma oportunidade, ele se virava para ela e dizia “Vamos conversar, coleguinha.” Estes pequenos



prazeres eram sua vida cotidiana.

Neste período de tratamento, antes e depois do transplante de medula óssea, fez um caderninho como se fosse um diário, ali desenhava seus heróis prediletos, inventava histórias, escrevia bilhetes (que nunca seriam entregues porque eram secretos) para os amiguinhos. Na sua imaginação infantil, ele voltaria para escola e acompanharia a mesma turma, tudo estaria como quando ele parou de frequentar a escola. O tempo lá fora havia se congelado. Muito lindo.

E assim, o tempo correu. Terminou o tratamento. Um ano longe da vida. Graças à escolarização hospitalar, pode retornar à escola de origem e acompanhar a mesma turma. Uma história de sucesso. A mãe fez a CNH e concluiu o Ensino Médio.



Considerações Finais

Professora Silidária

No trabalho de escolarização hospitalar, as experiências vivenciadas refletem a importância de adaptar o ensino às necessidades únicas dos/das alunos/as pacientes. Através dos meus relatos, intento evidenciar a premissa de como a educação pode ser uma ferramenta poderosa na promoção do bem-estar emocional e cognitivo durante períodos de saúde precária. A colaboração entre professores, profissionais de saúde e famílias desempenha um papel crucial nesse processo, garantindo que cada aluno/aluna-paciente receba suporte educacional adequado e individualizado. São relatos autênticos que reforçam a convicção de que, mesmo em circunstâncias desafiadoras, a Educação continua a ser uma fonte de esperança e crescimento para todos os envolvidos.



Capítulo

4

**RELATOS:
PROFESSORAPEDAGOGAZILDA**

Agradecimentos

Professora Zilda B. Maiochi

Agradeço a cada pessoa com quem trabalhamos, os alunos-pacientes que inspiraram a escrever estes relatos, e que neste processo de formação nos tornaram mais humanos, mais atentos às necessidades de cada um, e sobretudo a Deus que nos faz e nos dá a vida.

Agradeço aos professores, que com seu profissionalismo e entusiasmo buscam ações pedagógicas que resultam no crescimento do sujeito, seu potencial cognitivo, a confiança em si e no amanhã com a liberdade para escrever a sua própria história.

A cada aluno com quem muito aprendi e que mesmo em um momento fragilizado mostrou um grande brilho no seu olhar.

A toda equipe dos hospitais onde trabalhei pela participação e confiança.

A família, em especial aos filhos, pelo apoio incondicional ao meu trabalho, numa troca salutar de



experiências.

A Deus, Propulsor e Gestor da nossa vida.



Considerações Iniciais

Professora Pedagoga Zilda

Na coordenação, como professora pedagoga, estimei o crescimento profissional dos professores através de leituras, momentos de reflexão e diálogo na tomada de estratégias que atendiam às necessidades do aluno-paciente.

Fazia o levantamento dos pacientes em idade escolar, verificando quem estava frequentando a escola, para entrar em contato com a pedagoga da mesma, que enviava os conteúdos e o Currículo escolar para elaborar junto com os professores o plano de trabalho docente, o planejamento das atividades escolares do aluno-paciente e, somando-se a isto, enviava os pareceres avaliativos com os relatórios dos professores das atividades desenvolvidas à escola de origem do aluno.

Organizava o horário de atendimento pedagógico dos professores, auxiliava na retomada do plano de trabalho docente, nas metodologias, na elaboração dos materiais didáticos e paradidáticos adequados às necessidades do



aluno enfermo, para proporcionar a continuidade dos estudos.

Este trabalho remete à vida normal do cidadão e a sua identidade enquanto estudante, com um novo olhar de si mesmo, da doença, de seu desempenho escolar e de seu papel social, percebendo-se produtivo, criativo, desafiando seus limites para uma nova forma de continuar sua formação.

Assim, acontecia o ensino que ganhava traços especiais em função de não estar num espaço stricto sensu, mas onde precisava, com práticas pedagógicas que se materializavam de maneira particular e ganhavam contornos próprios de acordo com as demandas de cada aluno-paciente, numa concepção de que o processo educativo deve ser uma experiência emancipatória onde os conceitos de educação e saúde se interpenetram numa perspectiva de educação que fertiliza a vida, pois o desejo de aprender e conhecer engendra o desejo de viver.

Neste momento, retomo as atividades pedagógicas realizadas no espaço hospitalar e sinto explorar o fundo



da terra em que vislumbro tanta riqueza impossível de descrever. Impossibilitada de escrever sobre toda esta experiência, atendo-me a escrever inicialmente a que vejo primeiro no olhar da minha mente, e que me faz uma nova pessoa, outra professora pedagoga, com mais sensibilidade, com uma visão mais humana, instigante e desafiadora.

Relatos

Professora pedagoga Zilda

As vitórias acontecem

Aluna S. R., 7 ano do Ensino Fundamental, diagnosticada com lesão cerebral, tinha os membros superiores imobilizados, andava com muita dificuldade, normalmente se deslocava com auxílio da cadeira de rodas e apresentava dificuldade na articulação das palavras.

Após a anamnese, entrei em contato com a escola de origem da aluna, explicando o trabalho pedagógico realizado na Classe Hospitalar e as atividades pedagógicas propostas.



A escola mandava atividades e conteúdos curriculares com que estavam trabalhando e estes foram adaptados respeitando as condições da aluna. Foi realizada uma ficha de acompanhamento pedagógico, procurando sempre iniciar as atividades atendendo as preferências e habilidades da aluna. Assim, as professoras começavam o atendimento da aluna preferencialmente com as matérias em que apresentava melhor desempenho, neste caso, as ciências exatas.

O primeiro contato com a professora era uma conversa informal, que sempre cria laços afetivos confiantes que vão contribuir positivamente com este momento de saúde no qual a menina sentia-se se fragilizada. Após alguns meses, percebeu-se se o crescimento intelectual da aluna.

A mãe de S. R. muito feliz pelo trabalho oferecido pela educação hospitalar comentava: “Que Hospital maravilhoso, até escola tem aqui”. A aluna escreveu as atividades no laptop com o pé direito, e foi maravilhoso não só ver a sua agilidade na escrita como também a rapidez no



raciocínio.

Durante um ano e meio a aluna foi atendida na Centro de Reabilitação e desenvolveu sua criatividade artística ao lado de um interesse por linguagem e literatura.

O despertar para novas conquistas a levou para o Curso de Letras que concluiu recentemente.

Viver com alegria

Aluno M.F., 6.ano do Ensino Fundamental, que por motivo de uma “bala perdida”, perde a mobilidade dos membros inferiores. Cadeirante, frequentava o CHR duas vezes na semana para as terapias e também a Classe Hospitalar.

A alegria nas atividades era tão contagiante que expressava seu desejo de vir todos os dias e ainda perguntava: - “professora, você já me viu triste? Ao que complementava cantando: “Se tristeza me fizesse andar!!!”

Conhecer este aluno e vê-lo como sujeito e protagonista de sua própria história, favorecer oportunidades



e tempo para ele se descobrir e compreender melhor os conteúdos curriculares que expressou de forma verbal, escrita, por meio de desenhos e a partir da observação e análise, permitiu seu sucesso acadêmico.

Nas duas aulas que aconteciam sempre no período da tarde, a família se fez presente, o que a torna mais participativa, comprometida com o estudo e com a construção do conhecimento do seu filho. Os pais mostravam tão interessados em aprender que se envolveram plenamente nos estudos também para poder fazer o provão e obter a graduação.

Em todas as atividades que o aluno realizou: estudando, pesquisando, interiorizando conhecimentos, ele foi avaliado pelos professores, que trabalharam os critérios avaliativos com clareza, transcrevendo-os em pareceres, que encaminhei à escola de origem do aluno, onde foram convertidos em notas e conceitos.



Sempre é tempo

Aluno F.M., 7. ano, 13 anos, em tratamento oncológico no HC inicialmente gritava com palavras agressivas porque não queria estudar. Esta forma de expressar sempre foi respeitada, abrindo espaços de comunicação informal no sentido de se colocar para o aluno e este se sentir à vontade para iniciar as atividades escolares que passavam a ser um momento importante da sua rotina hospitalar. O aluno enfatizava que “agora é gostoso estudar porque tiraram a sua dor no momento que amputaram a perna.” Ele estabeleceu vínculos de confiança que favoreceram a superação das dificuldades cotidianas à medida que manteve relacionamentos positivos no ambiente hospitalar- escolar.

Ações que impulsionam o saber

O aluno W.C., 9 ano, diagnosticado com Distrofia Muscular de Duchenne, desenvolveu com extremo interesse



as atividades escolares. Evidencio um momento em que junto com outros alunos participou em atividades com jogo eletrônico. Foi uma ação interdisciplinar que aconteceu no CHR, e que permitiu trabalhar com a informação através de outra perspectiva e, aproveitar o interesse do aluno para relacionar conteúdos escolares e atribuir significados em um processo permanente de aprendizagem. Foi uma ferramenta que me proporcionou alegria, espontaneidade e prazer, considerando sempre as experiências e possibilidades do aluno-paciente; motivando a memorização, a socialização, a articulação sensorial, o crescimento psicomotor, o cognitivo, o afetivo social, promovendo avanços significativos na busca de caminhos para aprender. Inicialmente, o aluno demonstrou estar ansioso frente ao novo; mas, com incentivo, envolveu-se nas tarefas e desenvolveu confiança, o que contribuiu para maior autonomia e uma postura ativa na aprendizagem. Seu sorriso de superação e de jogar melhor que a professora, muitas vezes, levou-nos a retomar esta atividade no ano seguinte. É importante destacar que o espaço para escolarização no CHR é aberto, o que favoreceu



a integração, em um constante movimento de ir e vir de pais, alunos, funcionários, acompanhantes. Esse fato demanda agilidade na tomada de decisões e a equipe precisava estar sempre pronta para assumir e resolver situações inusitadas. O espaço integrado auxiliou na organização das atividades de forma interdisciplinar e transdisciplinar. Existiam atividades previstas em calendário hospitalar no setor de Cultura que se efetivaram por meio da organização de toda a equipe da escolarização integrada à equipe multidisciplinar do hospital.

Imaginação para voar

Aluno M.V., 9 ano, atendido no CHR com síndrome do encarceramento. O aluno apresentava-se impossibilitado de qualquer comunicação e movimento, mas, quando eu entrei em contato com o mesmo, este piscava aceleradamente os olhos. Sem compreender, pedi que piscasse os olhos para respostas positivas. Assim, perguntei se ele estava estudando em uma escola e ele piscou, e foi



respondendo às perguntas afirmativamente piscando os olhos. Se fosse negativa ficava sem piscar no momento da pergunta. Perguntei se queria continuar os estudos enquanto estivesse em tratamento e ele piscou. As atividades escolares foram todas lidas e o aluno quase sempre acertava todas as questões propostas, especialmente matemática, que exigia muitos cálculos. Assim foi atendido na escolarização do hospital por sete meses, até que conseguiu firmar um bastão adaptado na boca e digitar seus textos no laptop. Para este aluno, o importante foi a revelação de sua capacidade de pensar e de se reconhecer como autor de novas formas de construir seu conhecimento. Desse modo, a classe hospitalar acolheu alegrias e dores, integrou e incluiu; reconheceu as disposições do aluno e as respeitou para conquistar seu interesse, sua colaboração, sua aspiração à continuidade de sua formação. Foi oferecido um leque de possibilidades para trilhar por caminhos ainda não percorridos para construir um elo entre o mundo hospitalar e a vida cotidiana do alunopaciente. As atividades pedagógicas contribuíram para minimizar problemas decorrentes de hipotéticos efeitos



tardios no desenvolvimento cognitivo do aluno, garantindo seu direito ao ensino escolar. Que grande vitória quando chegaram as férias e o aluno voltou para Guarapuava, sua cidade de origem, e conseguiu participar da formatura do Ensino Fundamental na sua escola. Algumas vezes, o desejo de chorar frente a tanta dor, impulsiona outras formas de trabalhar para permitir que a aprendizagem se efetive.

Saúde, bem maior que nos permite SER

Aluna M.R., 6. ano do Ensino Fundamental atendida no CHR. Na conversa emocionada, a mãe relatou que veio do interior do Paraná com sua filha, e que quando viu a filha caída na estrada correu até ela e se debruçou sobre seu corpinho frágil que perdia paulatinamente o calor pulsante da vida. Neste momento, sentiu a tênue linha entre vida e a morte se quebrar e ter que deixar para a terra sua filha que tanto amava. Explicou que a filha correria atrás de uma bola que se lhe escapara das mãos; no intuito de pegar o brinquedo, desatentou-se para o carro que vinha e, que se



chocou contra seu corpo franzino, mas cheio de energia para brincar, pular e cantar. Relata ainda, que o motorista atônico, sabendo que tinha ultrapassado o limite de velocidade, quis fugir do local e deixar para trás esta cena, como uma triste lembrança que procuraria esquecer todos os dias, mas que, com certeza o assombraria como um fantasma para sempre. A mãe falou da situação conflitante do motorista, que quase sem poder falar, parou e dirigiu-se a ela, prometendo ajudar. Sem sinal de celular para chamar os órgãos competentes, tirou o banco de traz do carro, improvisou uma maca e levou a menina e a mãe dela ao hospital mais próximo. Um milagre aconteceu, e a menina foi salva, mas ficaram sequelas na fala e mobilidade que foram diagnosticadas e, conforme o protocolo do CHR, a menina foi acompanhada por médicos, fisioterapeutas e fonoaudióloga. Apresentou uma melhora e começou a frequentar a classe hospitalar, onde demonstrou uma alegria muito grande de participar. Mesmo com dificuldade para escrever, o fazia no seu tempo com as atividades elaboradas pelos professores dos conteúdos curriculares. A mãe matriculou a filha na escola



próxima de sua casa, e assim começou o retorno à escola e às atividades sociais com os seus pares.

Um Passo para o conhecimento

Aluno L.W. do 1. ano do Ensino Médio atendido na Classe Hospitalar do CHR, diagnosticado com Distrofia Muscular de Duchenne. O aluno vinha duas vezes na semana para as terapias, quando também tinha uma hora de aula. Para quem via de fora, parecia insuficiente, mas para o aluno foi extremamente significativo, porque representou a oportunidade de abraçar novos conhecimentos e estar próximo ao que lhe era também importante, estudar. Matriculado em colégio particular , que só oferecia Ensino Médio no turno da manhã, frequentava pouco o mesmo, porque os pais percebiam que ele estava fraco ao acordar e então, acabava ficando em casa. O colégio mandava as atividades, que eram trabalhadas na Classe Hospitalar e concluídas em casa. Foi essencial a valorização à escola, que o motivou a vencer também esta significativa etapa da



sua vida. Foram encaminhados bimestralmente os pareceres avaliativos, com relatos precisos das ações pedagógicas realizadas e das superações ou dificuldades que o aluno ainda apresentava, com o propósito de, a partir deste conhecimento, com diálogo em conjunto com a equipe do colégio, propor adaptações e estratégias de trabalho para garantir a continuidade dos estudos.

Nem a morte ofusca a validade dos belos momentos da vida

Aluna M.P., 7º ano do Ensino Fundamental em tratamento oncológico no H C, frequentava três vezes por semana a Classe Hospitalar. Entrei em contato com a escola de origem da aluna no norte do Paraná, que enviava as atividades escolares. Estas eram adaptadas às condições físicas da aluna, que as realizava oralmente com o auxílio dos professores e eram avaliadas no processo de aprendizagem. Os trabalhos escolares apresentados pela aluna, bem como as presenças nas atividades escolares não



contemplavam a totalidade dos exercícios esperados pela escola de origem, que recebia os pareceres avaliativos e os transpunha em notas abaixo da média para aprovação. Todos os cuidados em relação ao envio dos atestados médicos e esclarecimentos quanto aos procedimentos no tratamento de saúde a que estava sendo submetida não conseguiram resultar em aprovação. Esta reprovação me causou indignação, o que me motivou a escrever um artigo sobre “Avaliação-ensino em ambiente Hospitalar: integra e dá continuidade à escolarização do aluno”. E a pergunta “Por que o muito que o aluno faz às vezes é tão minimizado por alguns profissionais do ensino? Será que a incompreensão ao tempo do aluno impede de ver as conquistas do saber alcançado?” Cinco anos se passaram e encontrei esta aluna novamente na Classe Hospitalar em um novo espaço, agora no CHR. Já no 3º ano do Ensino Médio, em uma nova escola; a aluna estava se adaptando às próteses de perna. Mesmo todo cuidado em relação à sua saúde não deixaram de desencadear um novo rumo, inesperado e dolorido para todos nós, que tivemos que nos despedir desta linda



adolescente sem acreditar na dura realidade; e eu pensativa “poderia ter realizado a sua formatura do Ensino Médio se não fosse a reprovação, este ”se” sempre aparece na minha vida, porque acredito que cada um pode conquistar o seu melhor. O meu desejo - que tudo pudesse acontecer de forma mais leve, menos agressiva e dolorida.

Eterna juventude

Aluna M.R., 3º ano do Ensino Médio em tratamento oncológico no HC; demonstra um desejo imenso de estudar e aprender. Já fora da escola há dois anos, a aluna é atendida no leito, e sempre pede livros a mais para ler, porque diz ser a melhor forma de esquecer a sua dor. Os conteúdos sistematizados representam mais que criar possibilidades para a produção e construção do conhecimento científico, mas a criação da consciência plena da vida na sua forma mais bela que é se tornar um indivíduo cada vez melhor, consciente de suas capacidades, com a grandeza de experimentar novas oportunidades



para seu crescimento cognitivo, emocional e social. Nesta direção, a educação caminha com a saúde maximizando o desenvolvimento do aluno/paciente e garantindo os seus direitos em prol da vida. Os meses se passam, numa mesma situação e no mesmo lugar; porém o desencadear dos fatos se altera na medida em que não vemos mais o mesmo brilho nos olhos da aluna-paciente, que agora opacos se fecham para sempre. A enfermeira que acompanhava de perto a evolução da doença, já esclarecia a situação, que por mais que se espera, desespera na dor que me consumia. Foram meses de lindos sonhos, de esperança, de projetos de vida ricos pelo movimento que se estabeleciam e oportunidades que geraram, sementes do conhecimento que fecundaram, brotaram, mas não se estabilizaram como desejavam.

Uma nova oportunidade

Aluna M.F., 7º ano do Ensino Fundamental em tratamento no CHR após acidente de carro, em que perde seu pai. A aluna-paciente morava com o pai que já há algum



tempo tinha se separado da mãe. Esta já tinha constituído nova família com filhos do seu esposo atual. A mãe recebeu a filha novamente em casa, agora na cadeira de rodas, com a fala comprometida. O choque intenso da mãe frente à dificuldade de lidar com o momento fez com que ela questionasse o que fazer com “este problema”. As melhoras subsequentes da aluna-paciente surpreenderam a todos. Matriculada agora em uma escola próxima à residência, onde já havia estudado anos atrás, é muito bem recebida por todos, mesmo não podendo ainda ir à escola, a escola vai até ela, com presença de alguns professores que a visitavam, com o intenso cuidado de todos na orientação das atividades curriculares e com o reconhecimento e valorização das atividades realizadas. Em Conselho de Classe, a minha participação permitiu melhor compreensão da equipe em relação às atividades trabalhadas, os conteúdos estudados e apropriados pela aluna nas diversas áreas do conhecimento. Após um ano, com sucesso na aprovação escolar, a aluna vai à escola, agora adaptada com rampa que permitiu o acesso à sala de aula, ao banheiro e ao pátio. A alegria



da aluna se expressou com um largo sorriso em que diz: - “Tenho minha rampa especial para poder estudar”. A fala também apresentou visível melhora; e a relação da mãe com a filha se estabelecia com muito afeto e respeito. Continuou o tratamento no CHR duas vezes na semana; foi atendida na Classe Hospitalar. Os pareceres avaliativos dos professores eram encaminhados à escola que os validou junto com as outras atividades realizadas e desta integração, efetivaram-se os saberes escolares.

Acolher, acreditar e impulsionar o conhecimento

J.S., 9 ano do Ensino Fundamental com Distrofia Muscular de Duchenne.

O aluno estava em terapias duas vezes na semana no CHR quando foi convidado a participar da Classe Hospitalar. A alegria deste momento contagiava também a responsável (avó), que fica com seu neto nas aulas da Classe Hospitalar como um grande presente que recebia.

Como o J.S. estava fora da escola regular, solicitou-



se que o matriculasse, embora tardiamente, considerando-se que já era final de maio.

As aulas passavam a acontecer também na escola regular, embora com pouca assiduidade do aluno-paciente devido ao seu estado de saúde.

As atividades escolares representavam mais um passo desafiador para este aluno que é partícipe do seu crescimento e sujeito da história que relato. O empoderamento que J.S. vivenciou com estas mudanças na sua vida e o retorno à escola, lugar que trazia na lembrança com muito carinho renovaram toda família que se uniu no momento da conclusão do aluno no Ensino Fundamental e viu seu ingresso no Ensino Médio acontecer. Superações que mobilizaram fazer sempre mais.

Surpresa

N.S., 6 ano do Ensino Fundamental, atendida no CHR duas vezes na semana, participava também da Classe Hospitalar. Inicialmente, a aluna respondia apenas com



os olhos. Em alguns momentos parecia envolver-se com a atividade, em outros demonstrava desinteresse ou mesmo mudança de foco.

Após alguns meses, a aluna já se comunicava pela fala, e foi possível explorar sua oralidade, o que gerou seu envolvimento com a produção de textos, e ilustração de histórias, sempre com o cuidado de criar situações que possibilitavam à aluna explorar sua capacidade de lidar positivamente com seus próprios erros.

Destaco uma atividade literária desenvolvida pela equipe de professoras, um momento emocionante que instigou outros alunos/pacientes a participarem na alegria de suas capacidades intelectuais e sociais.

A aluna produziu, com base na obra de João Cabral de Melo Netto: "Morte e Vida Severina", um texto de auto apresentação no qual mostrou pleno domínio da linguagem escrita, surpreendendo a si mesma.

Conseguiu após meio ano retornar a sua escola de origem, apresentando um excelente desempenho escolar em todas as áreas do conhecimento.



Considerações finais

Professora Zilda Benkendorf Maiochi

Encontro de olhares significa muito mais do que a convivência cotidiana com os alunos- pacientes na educação hospitalar.

Foram vivências externadas em situações emocionantes de resiliência, fé na vida, coragem e convivências de amor e solidariedade.

Foram valores adquiridos em um contexto que construíram pilares mais sólidos em nosso caminhar. Centelhas vividas que germinaram fazendo-nos experienciar o viver de outra forma.

Aprendemos a ser fortes como eles nos ensinaram, a enfrentar os desafios como eles o fizeram em situações difíceis.

Com relação a nossa vida educacional, houve um salto significativo quanto ao autocontrole, ao respeito às individualidades, a aceitação do tempo que, por vezes se mostrava efêmero e em outras, eterno; a felicidade diante



das pequenas vitórias na busca da cura definitiva são lições que transcenderam os muros da escola. O que a um primeiro olhar se nos apresenta como um espaço físico adverso, ao ser escrutinado se revela como um oásis de crescimento em vários aspectos da nossa existência.

Este espaço de confiança entre os profissionais exige de cada um o cuidado na ação, porque dela depende o sucesso ou não do trabalho realizado.



Apêndice

Atendimento Educacional Hospitalar

Amparados por lei, os direitos sociais referentes à educação e à inclusão educacional não são considerados pela omissão de textos legais, note-se que a Carta Magna Brasileira de 1988, em seu artigo 205, já dispõe: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988). Após um grande processo de discussão e controvérsias, em busca de uma educação plenamente identificada com os princípios da democracia e justiça social, o Congresso Nacional decreta a Lei n. 9.394/96 e lança as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Em relação aos princípios e fins da educação, esta lei estabelece:

Art. 2.º - A educação, dever da família

162



e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3.º - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (BRASIL, 1996).

Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa (LDBEN, 13.716, 24 de setembro de 2018).

Da mesma forma, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069/90), em seu Art. 53, dispõe: A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes: I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (BRASIL, 1990).

Calcado nesses mesmos princípios educacionais e de defesa da cidadania, o Conselho Nacional de Educação,



por meio da Resolução n. 02/2001, institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica: 68 Art. 13 Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio. (BRASIL, 2001). Analogamente, o Decreto-Lei n. 1.044/69, que antecedeu a Resolução do CNE, dispõe sobre o tratamento excepcional para os alunos portadores de afecções. Ele atribui a esses estudantes, “como compensação da ausência às aulas, exercícios domiciliares com acompanhamento da escola, sempre que compatíveis com o seu estado de saúde e as possibilidades do estabelecimento”. Nesse mesmo sentido, a Deliberação n. 02/03 - CEE/PR fixa normas para Educação Especial – modalidade Educação Básica, para alunos com necessidades especiais: Art. 14 Os servidores especializados serão assegurados pelo Estado, que também firmará parcerias ou convênios com as áreas de educação,



saúde, assistência social, trabalho, transporte, esporte, lazer e outros, incluindo apoio e orientação à família, à comunidade e à escola, compreendendo: I- Classe especial II - Escola especial III - Classes hospitalares IV - Atendimento pedagógico domiciliar (PARANÁ, 2007a). Temos ainda a publicação da Resolução n. 41/95, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, que trata dos direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados e estende o direito à proteção integral à infância e adolescência aos eventos de hospitalização conforme segue: 2 - Direito a ser hospitalizado quando necessário ao seu tratamento, sem distinção de classe social, condição econômica, raça ou crença religiosa. [...] 9 - Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar durante sua permanência hospitalar. (BRASIL, 1995). No Estado do Paraná, o direito de crianças, jovens e adultos hospitalizados tem sido contemplado com o atendimento pedagógico-educacional durante seu período de internação por meio de legislação específica. Esse direito é assegurado



pela Resolução Secretarial n. 2.527/07, que considera toda a legislação pertinente já citada anteriormente nesse texto e institui o Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (Sareh), ofertado nas instituições que mantiverem Termo de Cooperação Técnica com a Secretaria de Estado da Educação. O SAREH atende os estudantes que se encontram impossibilitados de frequentar a escola, em virtude de situação de internamento hospitalar ou tratamento de saúde, permitindo-lhes a continuidade do processo de escolarização, a inserção ou a reinserção em seu ambiente escolar).



Referências

BRASIL. Constituição (1988). Diário Oficial da União, Brasília, 5 out. 1988

BRASIL. Lei 8080/90. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm.

BRASIL. Resolução n. 41, de 13 de outubro de 1995. Dispõe sobre os direitos das crianças e dos adolescentes hospitalizados. Diário Oficial da União, Brasília, 16 out. 1995

BRASIL. Lei n.9394, 20 dez.1996. Estabelece Diretrizes e BASES DA Educação Nacional.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: promulgado em 13 de julho de 1990. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. Resolução n. 2, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 14 set. 2001



PARANÁ. Deliberação. 02/03- CEE/PR, de 2007. Fixa normas para Educação Especial – modalidade Educação Básica, para alunos com necessidades especiais. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 3 mar. 2007 a

PARANÁ. Resolução Secretarial n. 2527, de 2007. Institui o Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (SAREH). Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 5 nov. 2007 b.

BRASIL. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC, BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.



Currículos

M. Lucia B. Proença Kayal

Formação Acadêmica/ Pós-graduações Lato Sensu

Graduação em Letras - Unioeste PR

Pós -graduações Lato Sensu

Educação Fundamentada na Arte- UTPR/ CEPPE Educação

Especial - IBPEX-FACINTER

Segurança Pública e Direitos Humanos -UFPR/CESPDH

Congressos / Seminários

EDUCERE - PUC -PR

Encontro Nacional Sobre Atendimento Escolar Hospitalar

(palestrante) Prática Educativa Humanizadora (palestrante)

Trabalho Pedagógico em Ambientes Hospitalares

(ministrante) Saberes Docentes

Encontro Nacional Escolar Hospitalar (palestrante)

Encontro Brasileiro Psicopedagógico (participante mesa-
redonda) Educação Hospitalar



Política de Resgate a Educação (palestrante)

Seminário Internacional Representações Sociais SIRSSE
(palestrante)

Políticas Públicas Para o Atendimento do Escolar
Hospitalizado (mesa-redonda) FAE-PR

Trabalho Docente em Ambiente Hospitalar-Relatos de
Práticas Pedagógicas (palestrante/ mesa-redonda)

Pedagogia de Atuação Educação Hospitalar (palestrante)

Prática Educativa Humanizadora (palestrante/ ministrante)

HC -PR

Encontro Humanização HC (relatora) SEED-PR/UFPR

Educação Hospitalar -Direito Inclusivo / Seminário
Internacional Educação (comunicação oral)

Seminários Internacionais Educativos- Pinhais Trabalhos
apresentação (palestrante/ comunicação oral)

Endereço Eletrônico: Mluciak_2005@hotmail.com



Silidária Ferreira de Souza Costa

Atividade Profissional:

Professora na rede estadual de ensino do Paraná e Santa Catarina Professora no Sareh - Hospital de Clínicas do Paraná, Hospital Evangélico e Centro de Reabilitação Ana Carolina Moura Xavier

Formação

Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari, Paraná - 1988

Pós-Graduação em Literatura pela Fafiman-UEL -1991

Formação Pedagógica pela Puc Paraná em 2009

Letramento pela UFPR em 2012

Endereço Eletrônico silidariaferreira@hotmail.com



Zilda Benkendorf Maiochi

Atividade Profissional:

Professora de Educação Infantil – Colégio Martinus

Professora de Magistério – Colégio Erasto Gaertner e
Colégio Martinus Pedagoga – SED

Pedagoga SAREH – Hospital de Clínicas e Centro
Hospitalar de Reabilitação Professora do Curso de Extensão

Universitária Língua Alemã I, II, III, IV e VI -UFPR

Monitora da VI Conferência Internacional sobre Baktin
UFPR

Tutora GTR (Grupo de Trabalho em Rede)

Formação Universitária:

Letras – UFPR Pedagogia- UFPR

Pós Graduação:

Magistério Superior – Faculdades Integradas Espírita

Educação Especial – Universidade Tuiuti

Mestrado Profissional – FAFIPAR (Faculdade Estadual de



Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá)

Especialização:

Atividades Lúdicas – UTFR Gestão e Liderança – ABED

Educação Inclusiva – ABED

Congressos, Seminários e Extensão Universitária:

EDUCERE – Universidade Católica do Paraná

Congresso Brasileiro de Educação Pré escolar – OMEP –
São Paulo

Congresso Nacional sobre atendimento ao escolar em
tratamento de saúde - Universidade Federal de São Paulo

III Congresso para Docentes de Língua Alemã –DAF
Argentina

Simpósio Internacional de Psicomotricidade com Escolares
em Hospitais e Ambulatórios – Universidade Federal de
São Paulo

Refletindo o Currículo –Aprendizagem, Tempo e Espaço
Escolar – Secretaria do Estado do Paraná

Autismo – o que o autismo pode nos ensinar - UFPR



Didática do Ensino de Aspectos Culturais no exemplo da
Áustria – UFPR

Endereço Eletrônico: zmaiochi@gmail.com



Para finalizar, me apoio novamente na perspectiva freireana, para dizer que as memórias aqui trazidas carregam a amorosidade e a boniteza das vozes das profissionais que vivenciaram o inacabamento de ser docente, como mencionei no início desse prefácio. Apenas complementar que a inquietação e o entendimento sobre esse inacabamento nos torna, nesse encontro de olhares, docentes melhores a cada dia.

Boa e incentivadora leitura!
Cinthy Vernizi Adachi de Menezes

